

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS**

**LOLITA CAMPANI BERETTA**

***CONVERSA DE BOTEQUIM***  
**UMA PROPOSTA PARA O TRABALHO COM  
NOEL ROSA NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**PORTO ALEGRE**

**2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS**

**LOLITA CAMPANI BERETTA**

***CONVERSA DE BOTEQUIM***  
**UMA PROPOSTA PARA O TRABALHO COM  
NOEL ROSA NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Letras.

Orientadora:  
Profa. Dra. Luciene Juliano Simões

Porto Alegre  
2010

## Índice

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>CAPÍTULO 1: <i>Conversa de Botequim</i>: a unidade didática</b>	
<b>1.1 A unidade didática.....</b>	<b>6</b>
<b>1.2 <i>Conversa de Botequim</i>: caderno do aluno.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 2: Conversa com o professor</b>	
<b>2.1 O caderno do professor.....</b>	<b>29</b>
<b>2.2 <i>Conversa de Botequim</i>: caderno do professor.....</b>	<b>30</b>
<b>CAPÍTULO 3: Conversa com a teoria.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>

## **Introdução**

Aqui está uma proposta, entre tantas possíveis, para o trabalho com canções de Noel Rosa na aula de língua portuguesa. A ideia de levar o compositor para a sala de aula surgiu no Núcleo de Estudos da Canção desta universidade, coordenado pelo professor Luís Augusto Fischer e frequentado por gente das mais diversas áreas. Tendo como ponto em comum o interesse pela canção popular brasileira, nos reunimos mensalmente para olhá-la mais de perto, na tentativa de compreendê-la e de, quem sabe, “encontrar seu núcleo”.

Mas o fato é que, em 2010, completam-se cem anos do nascimento de Noel Rosa, e nós, participantes do debate e amantes da canção, nos sentimos instigados a celebrar a data. Porque Noel ampliou o alcance do samba e deu profundidade a nossa música popular, que é hoje uma das principais, senão a principal experiência estética do brasileiro. Porque sua obra preparou o terreno para gente como Francisco Buarque de Holanda, para ficar só num. Transportando um pouco Antonio Candido para a canção popular brasileira, significa que ele ajudou, e como, a formá-la.

A vivacidade da obra de Noel é tanta que faz do contato com a canção um encontro com uma cultura inteira que a envolve: as origens e a permanência do samba, o Rio de Janeiro dos anos 30, a chegada do rádio nas salas brasileiras, a boemia, o carnaval, a linguagem do malandro. Enfim, a obra de Noel sugere uma gama de assuntos que não só rendem boas conversas como também uma compreensão mais significativa de alguns fenômenos que são marca registrada de nosso país.

Penso, porém, que celebrar Noel Rosa apenas entre aqueles que já o conhecem e admiram não é suficiente. Um patrimônio precisa ser passado adiante para quem não tem esse universo como referência, permanecendo vivo e ganhando novos significados para sua importância. É uma rua de mão dupla: do outro lado, vem gente que tem direito de herdar esse legado. E quem pode garantir melhor do que ninguém que isso aconteça é a escola.

Mas isso não pode acontecer de qualquer jeito. A intenção aqui é apresentar as canções dentro de um projeto que faça sentido para os alunos, colocando Noel Rosa em

contato com coisas novas, para ver no que dá. Com esse objetivo, centrei meu trabalho na produção de um material didático que busca dar pertinência a esse encontro, de modo que o aluno tenha a oportunidade de responder a ele de maneira significativa.

Sobre o trabalho que tem sido feito com a canção em sala de aula, penso que reflete a quase ausência de estudos mais específicos sobre a canção. Acontece que, no Brasil, apesar de sua reconhecida importância, ainda é pequeno o espaço para um estudo sistemático sobre a canção. Assim, é compreensível que a canção venha sendo lida, e não escutada, nas salas de aula. Só que essa abordagem não apenas coloca a canção num território que não é seu, como ignora que a canção é um virtuoso equilíbrio de letra e melodia num só projeto de sentido.

O que se segue é, portanto, a tentativa de encontrar algumas soluções para trabalhar com a canção de maneira mais pertinente nas aulas de língua portuguesa. Na escola, ninguém precisa teorizar sobre a naturalidade com que Noel Rosa transforma a fala em canto ou sobre sua capacidade de síntese do país. Mas precisam, sim, conhecê-lo dentro de um projeto que faça com que suas canções valham a pena.

No capítulo um, está o caderno do aluno. Cada atividade ali proposta aparece em outro formato no caderno do professor, que está no capítulo dois. Lá estão sugestões de trabalho, orientações para a realização da atividade, dicas para pesquisa e preparação do professor. Sugiro, assim, a leitura cotejada dos capítulos um e dois: caderno do aluno e caderno do professor se complementam.

## Capítulo 1: *Conversa de Botequim*: a unidade didática

### 1.1 A unidade didática

O material aqui proposto foi criado a partir da noção de unidade didática para o ensino de língua materna. Uma unidade didática é um conjunto estruturado de atividades, de determinada duração, que possibilita o contato com conteúdos de linguagem de maneira significativa, porém não exaustiva. O trabalho com os textos encontra seu espaço em projetos que privilegiam a comunicação efetiva, dando finalidades tanto para a leitura como para a produção. E é através dessas diferentes experiências que os alunos ampliam seu conhecimento da língua, dos gêneros textuais<sup>1</sup>, da vida.

Podemos entender a unidade como um redimensionamento da noção de sequência didática proposta por Dolz et alii (2004). As sequências estão organizadas em torno de apenas um gênero textual – oral ou escrito –, oferecendo aos alunos ocasiões para sua leitura e produção. Mas é verdade que a ideia de trabalhar em módulos, se tomada sem amarras, abre-se para projetos que podem ter como elemento unificador uma determinada temática, mobilizando mais de um gênero. E não necessariamente precisamos responder a um gênero aprendendo a produzi-lo. Muitas vezes a melhor resposta está em outro, que pode complementá-lo conforme a finalidade.

Penso que o formato unidade didática se apresenta como uma grande solução para a aula de língua portuguesa, que tem um objeto de ensino tão amplo e que pode ser organizado de maneira tão mais produtiva e interessante. Além de permitir um ensino diferenciado, o trabalho a partir de unidades modifica a rotina da aula de português ao dar sentido às práticas de linguagem tantas vezes distanciadas de comunicação na escola. Os textos ganham significado ao serem colocados diante de finalidades específicas compatíveis com sua função na vida fora da escola.

---

<sup>1</sup> Este conceito será discutido um pouco mais de perto no capítulo 3. Por enquanto, podemos entender gêneros textuais como tipos relativamente estáveis de comunicação através da linguagem – oral ou escrita. (Bakhtin, 1992)

A unidade que segue chama-se *Conversa de Botequim*. Sua estrutura foi pensada para o trabalho com alunos do quarto ciclo, ou seja, a sétima e a oitava série do ensino fundamental.

**1.2 *Conversa de Botequim*: caderno do aluno**

# Conversa de botequim

caderno do aluno



Nesta unidade, vamos fazer um passeio em direção ao passado, num tempo em que o rádio começava a entrar em todas as casas e o samba dava sinais de que viria para ficar. Vamos conhecer um compositor que contribuiu muito para a história da canção no nosso país. Tudo isso vai acontecer a partir de depoimentos escritos, entrevistas radiofônicas e audiovisuais, canções e imagens antigas, num diálogo constante com os nossos dias.

## O rádio como ele é, o rádio como ele era

### Começando a conversa

Discuta as perguntas abaixo com um de seus colegas:

- Você ouve rádio?
- Que tipo de programas você costuma escutar no rádio?
- Você acha que os jovens e os adultos escutam o rádio com os mesmos interesses?

### Leitura inicial

Vamos ler o texto para responder às seguintes perguntas:

1. Conforme a autora, como o rádio aparece na vida das pessoas? Que funções ele tem?
2. Você acha que a autora do texto nasceu na mesma época que você? Por quê? Enumere alguns detalhes que fariam o texto mais atual, na sua opinião.
3. Você se identifica com o que a autora diz sobre a relação das pessoas com o rádio? Como?

#### O RÁDIO NOSSO DE CADA DIA



Muitas vezes um objeto, um fato são tão cotidianamente participantes da nossa vida que, paradoxalmente, não os percebemos nem lhes damos importância. Assim é o rádio, travestido de formas variadas, mas sempre presente em nosso dia-a-dia: rádio relógio; rádio toca-fita ou CD; acoplado ao possante “três em um” da sala; receptores AM/FM de tamanhos e formatos diversos espalhando-se por toda a casa; rádio portátil a pilha liberado da eletricidade que cerceava suas andanças por aí; rádio que anda de carro e de caminhão por este mundo de Deus; rádio que chega suave no som ambiente sofisticando alguns locais de trabalho; rádio

grandão, exibido, troféu primeiro da conquista do migrante do interior na cidade grande. Rádio que viveu momentos de glória ao ocupar lugares de destaque na sala das casas da nossa infância, unindo a família nas radionovelas, nos programas de auditório, na música, no humor, no esporte, no noticiário. Rádio que foi usado por ditadores, como Hitler, de forma primorosa para fazer acreditar que suas idéias ergueriam a nação alemã e colocariam em supremacia mundial o seu povo.

BLOIS, Marlene. In: *Comunicação e educação*. São Paulo, 1996.

#### glossário

**cercear:**  
limitar,  
restringir

**possante:** que  
tem força,  
vigoroso, forte

**supremacia:**  
poder supremo,  
hegemonia

## Nossos textos, nossa língua

---

1. *Muitas vezes um objeto, um fato são tão cotidianamente participantes da nossa vida que, paradoxalmente, não os percebemos nem lhes damos importância.* Vamos ao dicionário: qual a definição que cabe, neste texto, da palavra *paradoxo*, que dá origem a *paradoxalmente*? E o que é, segundo a autora, um paradoxo?
2. Repare que, na mesma frase, aparecem as palavras *cotidianamente* e *paradoxalmente*. O que muda quando juntamos a terminação *-mente* ao final dessas duas palavras?
3. Releia a última frase do texto acima. A sequência “de forma primorosa” poderia ser alterada, recebendo a terminação *-mente*? Como ficaria?
4. Junto com um colega, tente encontrar, no texto ou na memória, outras palavras que podem receber a terminação *-mente*. Façam uma lista, que, em seguida, será reunida com a de outros colegas no quadro da sala de aula.

## Juntando as pontas

---

Vamos olhar atentamente para a lista de palavras reunidas pela turma. Façamos algumas experiências: **aparecem da mesma maneira nas frases? Todas cumprem a mesma função? Como podemos substituí-las por outras palavras ou sequências de palavras?**

## Entrevistando: o rádio como ele era

---

Repare na imagem ao lado. É uma fotografia tirada por Herbert E. French na Casa Branca, durante a presidência de Warren Harding, entre 1921 e 1923.

- É uma foto que poderia ser tirada nos dias de hoje?
- A cena se parece com alguma que acontece no seu dia-a-dia? Qual?



A partir de agora, a turma se dividirá em pequenos grupos para realizar uma entrevista. Vamos matar a curiosidade e ouvir de pessoas mais velhas como era o rádio na juventude deles. Preparem um roteiro de perguntas para a entrevista. A gravação, que deverá ser registrada em fita cassete ou mp3, deve ser trazida na próxima aula. Fiquem atentos às orientações do professor.

### Nossas entrevistas: ouvido atento

---

- O que podemos dizer do rádio de décadas atrás em comparação com o rádio de hoje?
- Os depoimentos que acabamos de escutar lembram alguns trechos do texto *O rádio nosso de cada dia*? Quais?

### Nossas entrevistas: ouvido crítico

---

Vamos criar um quadro para avaliar as entrevistas? Depois de estabelecidos nossos parâmetros, trabalharemos nos grupos que se formaram na aula passada para analisar a produção dos colegas.

## Conversas de botequim

### Apresentando um velho conhecido

---

As manchetes abaixo saíram nos principais jornais do Rio de Janeiro no dia 05 de maio de 1937. Leia em busca das respostas:

- As manchetes se referem todas à mesma notícia. Há diferenças de um jornal para outro?
- Você já tinha ouvido falar no compositor? Lendo as manchetes, para quem você acha que ele é “um velho conhecido”?
- Faça uma lista das atribuições que as manchetes dão ao compositor.

Correio da Manhã	A Morte Prematura De Noel Rosa - Foi, Hontem, Sepultado, O Popular Cantor Do Radio
Diário Carioca	Noel Rosa - Falleceu Hontem O Maior Cantor Da Alma Carioca
Diário da Noite	Morreu Cantando Noel Rosa A Figura Mais Popular Dos Nossos Compositores
Diário de Notícias	Falleceu Noel Rosa - O Conhecido Compositor Morreu Ouvindo Cantar Uma Musica De Sua Autoria
A Noite	Morreu Noel Rosa



Desenho: Noël por Noël  
O compositor costumava colocar o trema sobre o e.

## Agora na íntegra!

**Agora vamos ler a notícia completa do jornal A Noite, buscando respostas para as seguintes perguntas:**

- Que importância é atribuída a Noel Rosa? De que modo ele chegou a ser famoso?
- Como a cidade inteira ficou sabendo da morte de Noel Rosa? Que cidade inteira era essa?

Morreu Noel Rosa. Após alguns minutos, a cidade inteira já sabia. Noel, o popular cantor e compositor dos morros da cidade que sempre se destacou pelas suas produções, deixa a vida para ir de encontro a um novo mundo. De algum tempo para cá, Noel deixou de aparecer nos meios radiophonicos e recolheu-se a um sanatorio atacado por terrivel enfermidade. Os seus "fans" reclamaram; porém, Noel não podia attendê-los por ter necessidade de absoluto repouso.

Suas melhores produções, alías, a que lhe deu nome, foi ha alguns annos o samba "Com Que Roupa". Depois, seguiram-se outros, e ultimamente "João Ninguem", "De Babado Sim" e outros.

Encerra-se com o autor de "Pierrot Apaixonado", "Feitiço da Villa", "Palpite Infeliz" e outras composições populares, uma etapa verdadeiramente brilhante do samba de nossa terra.

Noel morreu subitamente em consequencia de um colapso cardiaco, quando na rua Theodoro da Silva n. 382, o querido compositor encontrava-se em companhia de sua progenitora, esposa e alguns amigos palestrando recostado no leito. (...)

Cerca de 23 1/2 horas, o "sambista philosopho" pediu que fosse tocada uma das suas composições, no que foi attendido promptamente. Então, cantando "De Babado Sim", Noel repentinamente deixou de viver desapparecendo da vida e deixando saudades. Porém, suas musicas não serão esquecidas e a sua memória será tão venerada como a dos nossos maiores compositores da musica popular.

O seu enterro será realizado hoje á tarde, saindo o feretro da rua Theodoro da Silva n. 382 em Villa Isabel.

## Uma notícia, suas versões

---

- A versão que o jornal *A Noite* apresenta para os últimos momentos do sambista, se tomada por verdadeira, torna “falsa” uma das manchetes acima. Qual delas?
- É comum duas notícias terem versões diferentes da mesma história? Por que você acha que isso pode acontecer? E como você acha que pode saber qual a verdadeira?

## Nossos textos, nossa língua

---

- Que mudanças você consegue reconhecer entre a escrita de 1937 e a de hoje?
- Na notícia, aparecem as palavras *ultimamente*, *verdadeiramente*, *subitamente*, *promptamente* e *repentinamente*. Busque outras palavras (ou sequências de palavras) para substituí-las, mantendo o significado.
- *Féretro*: releia esta palavra em seu contexto, no último parágrafo da notícia. O que pode ser féretro? Que hábito antigo é revelado?

## Preparando o ouvido

---

**Vamos ler o trecho abaixo buscando algumas comparações com os nossos dias.**

*Pelos cafés cariocas podia-se traçar um mapa da vida sociocultural da cidade. Se de repente fosse necessário localizar alguém, bastava ir até o café que freqüentava. A pista era infalível. Alguns clientes mais assíduos preferiam dar como endereço para correspondência o próprio endereço dos cafés. Era menos problemático localizá-los nos cafés, até porque nem sempre dispunham de endereço fixo, vivendo em casa de amigos e conhecidos. Nos proprietários dos cafés, muitas vezes tinham um amigo e confidente. Além de beberem e comerem fiado, ainda faziam empréstimos. Só que esse dinheiro, como se dizia na gíria, era emprestado. Por isso se dizia na época que era mais fácil um indivíduo trocar de religião do que de café.*

Holanda, N. *Memórias do café Nice*.

## Escutando Noel Rosa

---

Agora vamos ao laboratório de informática. Em duplas ou em pequenos grupos, vocês irão acessar a página do Instituto Moreira Salles: [www.ims.com.br](http://www.ims.com.br).

1. Rapidamente: o que há na página inicial? Que áreas de interesse aparecem?
2. Corram atrás da informação: o que é o Instituto Moreira Salles?
3. Vocês conhecem alguma outra instituição dedicada a guardar a memória artística do país? Qual/quais?

Busquem a seção *Rádio*. Na quarta página, vocês encontrarão *Programa estréia com seleção de composições de Noel Rosa*. Vamos escutar a primeira canção do programa, *Conversa de botequim*, que fez muito sucesso na década de 30 e até hoje é regravaada por diversos cantores e cantoras.

### Conversa de Botequim (1935) Noel Rosa e Vadico

Seu garçom faça o favor de me trazer depressa  
Uma boa média que não seja requentada  
Um pão bem quente com manteiga à beça  
Um guardanapo e um copo d'água bem gelada

Feche a porta da direita com muito cuidado  
Que não estou disposto a ficar exposto ao sol  
Vá perguntar ao seu freguês do lado  
Qual foi o resultado do futebol

Se você ficar limpando a mesa  
Não me levanto nem pago a despesa  
Vá pedir ao seu patrão  
Uma caneta, um tinteiro,  
um envelope e um cartão

Não se esqueça de me dar palito  
É um cigarro pra espantar mosquito  
Vá dizer ao charuteiro  
Que me empreste umas revistas,  
Um isqueiro e um cinzeiro

Telefone ao menos uma vez  
Para três quatro quatro três três três  
E ordene ao seu Osório  
Que me mande um guarda-chuva  
Aqui pro nosso escritório

Seu garçom me empresta algum dinheiro  
Que eu deixei o meu com o bicheiro  
Vá dizer ao seu gerente  
Que pendure esta despesa  
no cabide ali em frente

## Canção: letra e música

---

### Letra...

- É uma conversa mesmo, conforme diz o título? Quem fala com quem?
- Onde se passa a história? Como é este ambiente?
- Parece haver intimidade na conversa? O que o leva a essa resposta?

## ... Música

- Que instrumentos você consegue reconhecer na canção?
- O ritmo é alterado em algum momento? A canção tem partes que se diferenciam (mais lenta, mais intensa, ...)? Isso tem a ver com a letra?
- Há sequências que se repetem? Quais? Prestando atenção na letra, por que você acha que se repetem?

## Nossas canções, nossa língua

---

- Você sabe o que é uma média? Pelo contexto em que aparece, que certeza podemos ter?
- Você conhece a expressão à beça? Que outras expressões poderiam substituí-la na letra da música sem alterar o sentido?
- Uma caneta, um tinteiro, um envelope e um cartão: o que é um tinteiro?
- Aqui pro nosso escritório: Onde é o escritório? De quem é o escritório?
- Que pendure esta despesa no cabide ali da frente: O que é pendurar uma despesa? Pode ser pendurada num cabide? Que efeito tem essa fala na conversa do botequim?

## Outras conversas de botequim

---

Em meados dos anos 90, foi criado o programa radiofônico *Conversa de Botequim*, apresentado de segunda a sexta, das 17h às 18h, na Rádio FM Cultura de Porto Alegre - 107.7. O programa, dedicado à história da música popular brasileira, tem em seu nome uma homenagem ao compositor Noel Rosa. Repare que a cortina, música que toca no início e término dos intervalos, é a própria *Conversa de botequim*.

# Canção é pra escutar

## Como é bom poder tocar um instrumento

---

Vamos conversar em pequenos grupos, buscando as seguintes informações, para depois juntar com a turma inteira.

- Que instrumentos musicais você conhece?
- Toca algum instrumento? Qual?
- Por que escolheu tocar esse instrumento?

Vamos ler juntos o trecho abaixo, que é parte de um depoimento de Noel Rosa:

*“Eu queria tocar um instrumento qualquer. E foi o bandolim a primeira coisa que toquei. E que toquei com alma, com unção, num desejo ingênuo de sublimar os sons todos que se desprendiam do instrumento. Sim, estreei com um bandolim. Eu tocava bandolim horas esquecidas, em um encantamento progressivo. Nada me parecia mais belo; nada parecia exprimir uma doçura mais penetrante. Era um instrumento encantado, de que eu arrancava, com os meus dedos inexpertos, efeitos maravilhosos. Eu me embevecia como se nas cordas do bandolim cantasse, de fato, o meu sonho de menino.*

*Foi graças ao bandolim que eu experimentei, pela primeira vez, a sensação de importância. Tocava e logo se reuniam, ao redor de mim, maravilhados com a minha habilidade, os guris de minhas relações. A menina do lado cravava em mim uns olhos rasgados de assombro. Então, eu me sentia completamente importante. Ao bandolim, confiava, sem reservas, os meus desencantos e sonhos de garoto que começava a espiar a vida.”*

Jacob do Bandolim: o instrumento passou a fazer parte do nome artístico



## Leitura atenta

---

- Releia as primeiras frases do depoimento. Por que você acha que Noel Rosa repete a informação de que começou sua vida musical com um bandolim?
- O bandolim foi só o começo. Mais tarde, Noel seria conhecido por carregar sempre seu violão pelas ruas da Vila Isabel, onde morava no Rio de Janeiro. Sobre o violão, disse ser um



instrumento muito mais completo que o bandolim. O que será que ele quis dizer com “instrumento mais completo”?

## Escuta atenta

---

Vamos ouvir três canções de Noel Rosa que foram gravadas em diferentes épocas. Para cada uma das canções, vamos tentar:

- Listar instrumentos que você reconhece;
- Descrever o papel de cada instrumento (aparece o tempo inteiro? só no refrão? é mais alto que todos os outros? aparece junto com a voz, sem a voz? etc.);
- Descrever a voz que canta (o canto é empostado? o canto se parece com a fala? a voz é feminina ou masculina? a voz é afinada, rouca? como é em relação com as vozes das canções atuais? etc.).
- Traçar uma espécie de linha do tempo, tentando descobrir qual é a mais antiga, qual é a mais recente.

## Um certo carnaval

---



O quadro ao lado é do artista carioca **Di Cavalcanti**, que viveu entre 1897 e 1976. Ficou conhecido por ser um dos idealizadores da **Semana de Arte Moderna**, em 1922.

Se quiser saber mais, uma dica é a página dedicada à obra do artista: [www.dicavalcanti.com.br](http://www.dicavalcanti.com.br).

**Olhe com atenção para a imagem. Pela composição do quadro, tente responder:**

- O que está pintado?
- É uma imagem que busca ser fiel à realidade?
- Você reconhece alguma dessas figuras?

Leia o quadro abaixo para conhecer os personagens pintados por Di Cavalcanti.

### Pierrô, Arlequim e Colombina

Antes de pularem Carnaval em bailes com confetes e serpentinas, estes três personagens eram protagonistas de tramas [teatrais](#) com forte apelo social: surgiram e ganharam destaque na *Commedia dell'Arte*, gênero de [teatro](#) italiano nascido no século XVI. O triângulo amoroso dos três serviçais servia de pano de fundo para ridicularizar pelas ruas os poderosos da época e trazer [alegria](#) para a população mais inculta da época.

**Pierrô:** sendo o mais pobre dos serviçais, vestia roupas de sacos de farinha, tinha o rosto branco e não usava máscara. Vivia suspirando pelo amor de Colombina e era sempre o alvo das piadas em cena. Sua caracterização inspirou palhaços de circo.

**Arlequim:** era o serviçal preguiçoso e insolente, além de ter um “espírito de porco”, tentava convencer a todos de sua ingenuidade e estupidez. Debochado, infernizava a vida dos demais [personagens](#) pregando peças, depois usava sua esperteza nata para escapar das confusões. Sua roupa de losangos coloridos era uma de suas marcas.

**Colombina:** tão bela e refinada quanto sua ama, filha do Patrão Pantaleão, ela era o pivô do triângulo amoroso: de um lado, o enamorado Pierrô e, de outro, o malandro Arlequim, que foi conquistado com a dança e o canto da graciosa serviçal. Ela namorava o inocente Pierrô e o traía com Arlequim.

### Nossos textos, nossa língua

---

Volte ao quadro para tentar explicar o significado, naquele contexto, das seguintes expressões:

- servir de pano de fundo:
- “espírito de porco”:
- esperteza nata:
- pivô do triângulo amoroso:

### Preparando o ouvido

---

Você já ouviu a expressão “marchinha de carnaval”? O que é?

Que outros sentidos tem o verbo marchar, da mesma família? Em que situações se marcha?

## Escutando Noel Rosa

---

Agora vamos escutar a marcha *Pierrô apaixonado*, música que foi o grande sucesso do carnaval de 1936 e continua até hoje presente nos carnavais do país. A versão que vamos ouvir foi gravada por Maria Bethânia, trinta anos depois, num disco inteiramente dedicado às composições de Noel Rosa.

• Enquanto ouve pela primeira vez, pense em responder às seguintes perguntas:

1. A história de Pierrô, Arlequim e Colombina é a mesma que acabamos de ler?
2. Você acha que essa versão da música poderia ser o grande sucesso de um carnaval, hoje? Por quê?

*Pierrô apaixonado* (1935) – Noel Rosa e Heitor dos Prazeres

Um pierrô apaixonado  
Que vivia só cantando  
Por causa de uma colombina  
Acabou chorando, acabou chorando  
A colombina entrou num botequim  
Bebeu, bebeu, saiu assim, assim  
Dizendo: pierrô cacete  
Vai tomar sorvete com o arlequim  
Um grande amor tem sempre um triste fim  
Com o pierrô aconteceu assim  
Levando esse grande “shoot”  
Foi tomar vermouth com amendoim



## Canção: letra e música

---

• No dicionário *Houaiss*, uma das definições da palavra *marcha* é a seguinte

marcha. *substantivo feminino*. Rubrica: música. Regionalismo: Brasil.  
gênero popular de música para dança, caracteristicamente alegre, iniciado com os cordões e ranchos carnavalescos; em alguns casos sofreu influências das pastorinhas, de que, excepcionalmente, guarda o tom langoroso, dolente.

→Você acha que a letra da música é adequada para uma marcha?

→A interpretação de Maria Bethânia para *Pierrô apaixonado* pode ser considerada uma marcha?

→Você acha que a versão de Maria Bethânia é adequada para a letra? Lembre de prestar atenção nos elementos musicais como voz, ritmo, instrumentos, andamento etc.

## Nossas canções, nossa língua

---

• *Bebeu, bebeu, saiu assim, assim.* O que a junção de dois “assins” quer dizer, nesse contexto? Se fosse só um, seria o mesmo sentido? A repetição tem que outra função na música?

• *Um pierrô apaixonado/ que vivia só cantando/ por causa de uma colombina/ acabou chorando, acabou chorando.* Os nomes estão em minúsculas. O que isso pode querer dizer? Vamos fazer uma experiência: e se a gente trocasse *um* pelo artigo “o”, e *uma* por “a”, teria alguma diferença?

• *Levando esse grande “shoot” foi tomar vermouth com amendoim.* O que podem significar as palavras sublinhadas? São do português? Alguma delas lhe é familiar?

## Bethânia entrevista

---

A mesma Maria Bethânia que gravou Noel Rosa também se aventurou sendo entrevistadora “ocasional”. Em 1981, entrevistou o amigo e compositor Chico Buarque.

Vamos agora ao laboratório de informática para assistir à entrevista, que foi filmada. Procure na página do You Tube ([www.youtube.com](http://www.youtube.com)) por “Maria Bethânia entrevista Chico Buarque – 1981”.

- Maria Bethânia apresenta o entrevistado? Por quê?
- Que características do compositor surgem como assunto na entrevista?
- A entrevista pode ser bem aproveitada por qualquer espectador, mesmo que não conheça Maria Bethânia ou Chico Buarque?
- Bethânia é uma entrevistadora “neutra”? Como é sua participação na conversa?

## Entrevistando: gente que gosta de Noel Rosa

Vamos aproveitar tudo que estamos aprendendo sobre canção e Noel Rosa? Agora o professor vai conversar com a turma para explicar a próxima tarefa.

### O país inteiro numa canção

#### Parando para pensar...

*Quanto tempo cabe numa canção!* – diz uma letra do compositor porto-alegrense Paulo Neves. Uma canção, em média, dura três minutos. O que se faz em três minutos? Como pode caber tanta coisa em três minutos quando os três minutos são uma canção?

#### O país inteiro numa canção

Vamos escutar a canção *Quem dá mais?...*, que Noel Rosa compôs em 1930.

**QUEM DÁ MAIS?...**  
Samba de Noel Rosa

Quem dá mais?... Por uma mulata que é [diplomada Em matéria de samba e de [batucada, Com as qualidades de moça [formosa, Fiteira, vaidosa e muito [mentirosa?	Ninguém dá mais de cincoen- [ta mil réis? Quem arremata o lote é um [judeu, Quem garante sou eu. Pra vendê-lo pelo dobro no [museu.
Cincoenta mil réis... Duzentos [mil réis... Um conto de réis. Ninguém dá mais de um conto [de réis? O Vasco paga o lote na batata E, em vez de barata, Oferece ao "Russinho" uma [mulata...	Quem dá mais?... Por um samba feito nas regras [da arte, Sem introdução e sem segun- [da parte. Só tem etribilho, nasceu no [Salgueiro, E exprime dois terços do Rio [de Janeiro?
Quem dá mais?... Por um violão que toca em [falsête, Que só não tem braço, fundo [e cavalete, Pertenceu a D. Pedro, morou [no palácio, Foi pôsto no prego por José [Bonifácio?...	Quem dá mais? Quem é que [dá mais de um conto de [réis?... Dou-lhe uma!... Dou-lhe duas!... [Dou-lhe três!... Quanto é que vai ganhar o [leiloeiro Que é também brasileiro, E em três lotes vendeu o [Brasil inteiro?... Quem dá mais?...

Suplemento d'O SAMBA 29

#### glossário

**Russinho**, jogador de futebol do Vasco da Gama, eleito o mais famoso do mundo, e que ganhou um carro "baratinha" de presente.

**Barata**, tipo de automóvel baixo, de capota curta, com um só assento, tido como luxuoso na época do samba.

#### Antes de virar a página...

Repare no nome do suplemento em que foi publicada a letra da canção de Noel Rosa. Você reconhece como samba? É diferente dos sambas que tocam hoje? O que permanece igual? Que características de um samba são mencionadas na letra da música?

## Canção: letra e música

---

- O que está sendo leiloado? São produtos que geralmente estão à venda?
- Os “produtos” vendidos têm algum valor? Que tipo de valor?
- Como os instrumentos e a voz acompanham a trajetória do leilão?
- A última parte da canção diz *em três lotes vendeu o Brasil inteiro*. Explique.

## Nossas canções, nossa língua

---

- A mulata é mesmo diplomada? Por qual instituição?
- Substitua a expressão *na batata* de modo que o sentido permaneça o mesmo.
- O que pode significar um violão tocar em falsete?
- Repare nos dois trechos que seguem:

*Quem arremata o lote é um judeu, quem garante sou eu.*

*Quanto é que vai ganhar o leiloeiro que é também brasileiro?*

Em ambos, podemos dizer que há uma parte da frase que explica a outra? O que é explicado em cada trecho? Por que essas explicações?

## Falando de Noel

---

O cronista e compositor carioca Orestes Barbosa (foto), que viveu na mesma época de Noel Rosa, certa vez fez a seguinte declaração sobre ele:

*“Aquele sem queixo é demais! Um gênio! A gente aqui escrevendo, escrevendo, escrevendo, ele resume tudo em meia dúzia de palavras. Exatamente meia dúzia!”*



**Você se lembra do autorretrato de Noel Rosa? Ele é mesmo “sem queixo”?**

**Agora que já conhecemos um pouco da vida e da obra de Noel Rosa, vamos tentar entender:**

- Quais os motivos para a fala de Orestes Barbosa sobre o “sem queixo”?

## Entrevistas audiovisuais

---

Vamos voltar ao laboratório de informática. Lá, você vai acessar uma página inteiramente dedicada à memória de Noel Rosa. Digite [www.feiticodonoel.blogspot.com](http://www.feiticodonoel.blogspot.com).

Clique na seção *Entrevistas*. As entrevistas com o radialista e produtor musical Adelson Alves e com o músico Ivan Lins foram feitas pelo grupo de alunos que mantêm o *blog*. Assistam às entrevistas pensando nas questões listadas abaixo.

- Que perguntas será que fizeram para obter essas falas?
- Seria melhor se os espectadores ouvissem a pergunta?
- O conteúdo é satisfatório ou deixa a desejar?
- A imagem ajuda ou atrapalha na audição do conteúdo?
- Que diferenças você percebe entre uma entrevista audiovisual e uma entrevista radiofônica? Como isso se dá na preparação para a entrevista?

## E os roteiros, como vão?

---

Hoje vamos cuidar dos preparativos para as entrevistas. Aproveitem os relatos e sugestões dos outros grupos para fazer ajustes no seu roteiro.

## O samba que você me convidou

---

- Você já foi a um *samba*?
- A gente pode *ir* a uma música?
- O que é um *samba*, quando se vai nele?
- Essa mudança de significado acontece com qualquer tipo de música? Faça o teste.



## O primeiro sucesso de Noel

---

O samba *Com que roupa?* foi o primeiro grande êxito de Noel Rosa, que o compôs quando ainda não tinha nem vinte anos. O músico baiano Gilberto Gil (foto), anos depois, gravou sua versão do samba.

### *Com que roupa? (1929)*

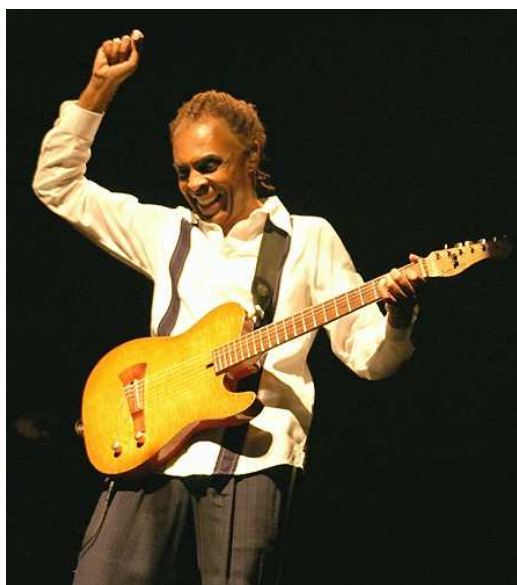
Agora vou mudar minha conduta  
Eu vou pra luta  
Pois eu quero me aprumar  
Vou tratar você com força bruta  
Pra poder me reabilitar  
Pois esta vida não está sopa  
E eu pergunto: com que roupa?

Com que roupa eu vou  
Pro samba que você me convidou?

Eu hoje estou pulando como sapo  
Pra ver se escapo  
Dessa praga de urubu  
Já estou coberto de farrapos  
Eu vou acabar ficando nu  
Meu paletó virou estopa  
E já nem sei mais com que roupa...

Agora eu não ando mais fagueiro  
Pois o dinheiro  
Não é fácil de ganhar  
Mesmo eu sendo um cabra trapaceiro  
Não consigo ter nem pra gastar  
Eu já corri de vento em popa  
Mas agora, com que roupa...

Seu português, agora, deu o fora  
Já foi-se embora e levou seu capital  
Esqueceu quem tanto amou outrora  
Foi no Adamastor pra Portugal  
Pra se casar com a cachopa  
E agora, com que roupa...



**Adamastor:** navio de passageiros com esse nome  
**cachopa:** mulher portuguesa  
**fagueiro:** carinhoso, suave

## Nossas canções, nossa língua

---

Este samba de Noel Rosa está cheio de palavras e expressões que, como *samba*, têm seu sentido alterado. Vamos escutar de novo e encontrá-las.



## Googlando: Noel Rosa e o samba

---

Vamos ver qual o alcance destas palavras? O exercício será orientado pelo professor.

### O samba tem história...

---

Você sabia que o caminho do samba até virar símbolo nacional não foi nada fácil? Primeiro, teve que buscar a aceitação da sociedade. Vamos ler juntos os depoimentos abaixo para depois conversar:



*“Samba e pandeiro eram proibidos. A polícia perseguia a gente. Eu ia tocar na festa da Penha e a polícia me tomava o instrumento.”*

**João da Baiana**, tido como o introdutor do pandeiro no samba.

*“A capelinha branca era muito exígua para conter todos quantos queriam bem ao Sinhô, tudo gente simples, malandros, soldados, marinheiros, donas de rendez-vous baratos, meretrizes, choferes, macumbeiros (lá estava o velho Oxunã da Praça Onze, um preto de dois metros de altura com uma belide no olho), todos os sambistas de fama, os pretinhos dos choros dos botequins das ruas Júlio do Carmo e Benedito Hipólito, mulheres dos morros, baianas de tabuleiro, vendedores de modinha...”*



**Manuel Bandeira**, poeta, sobre o velório do sambista Sinhô.



*“(...) Mesmo os de minha família, tudo gente que viveu com o umbigo preso à música, quando souberam de minhas primeiras ligações com as rodas de batuque, aconselharam com a gravidade de prescrição médica: ‘cuidado com quem vai se meter. Esse pessoal não é a melhor companhia para você. Uma cambada de capadócios, desclassificados...’ E, vendo bem, o medo tinha sua razão de ser. Os primeiros que fizeram sambas vinham dos morros. Nem todos seriam malandros, mas pobres eram sempre, e o morro acaba confundindo tudo. (...)”*

**Mário Lago**, radialista, ator e compositor de sambas.

- Por que você acha que as pessoas tinham resistência ao samba?
- Você ainda percebe esse tipo de preconceito hoje? E com outras manifestações culturais?

## Nos dias de hoje: dá para comparar?

Vamos ler um artigo que foi publicado em 2009 na *Revista de História da Biblioteca Nacional*. A revista pode ser acessada pela internet: [www.revistadehistoria.com.br](http://www.revistadehistoria.com.br)

### Hoje funk, ontem samba

Discriminada pelo Estado, a batida que vem das favelas enfrenta os mesmos percalços pelos quais o samba passou no início do século passado.

*Bernardo Camara*

Após mais de um ano de molho por conta de uma lei estadual que coibia sua realização, os bailes funk estão de volta no Rio de Janeiro. Mas a polêmica permanece: os funkeiros querem, agora, que o ritmo seja reconhecido como manifestação cultural. Eles sabem que têm pela frente um caminho tortuoso. “Muita gente ainda confunde funkeiro com traficante”, lamenta Leonardo Mota, o MC Leonardo. “Justamente porque ele tem cor que não é a branca, tem classe que não é a dominante e tem moradia que não é no asfalto”.

Os tempos são outros, porém a sina da discriminação pelo batuque que vem dos morros corre décadas. Hoje glória nacional, o samba também viveu seus dias de pária. Se MC Leonardo já apanhou da polícia só por estar de tênis, boné e bermuda – a tríade dos funkeiros –, muito sambista também já enfiou a viola no saco para se esquivar das autoridades.

“Lá pela década de 1920, bastava andar com o violão na rua e você já ia preso, pois era considerado vagabundo. Ismael Silva passou um tempo na cadeia e João Baiana foi preso várias vezes por estar andando com seu pandeiro”. Quem recorda é Giovanna Dealtry, professora do departamento de comunicação da PUC-Rio e autora do livro *No fio da navalha – Malandragem na literatura e no samba* (Casa da Palavra), que acaba de chegar às livrarias.

À época, os novos homens livres padeciam dos preconceitos que acompanhavam a recente libertação dos escravos. Com dificuldade de se inserir na sociedade, eles eram vistos com pudor pelas elites. E o próprio estado lhes torcia o nariz. “As leis mencionavam palavras como vadiagem. Qualquer indivíduo sem trabalho era considerado perigoso, e o samba começa a ser visto como negação do trabalho”, pontua Giovanna.

Para fugir desse estigma, a chamada primeira geração de sambistas, dos anos 1910, nasceu comportada, e com a preocupação de burilar sua música. Chorões como Donga, Sinhô e Pixinguinha lançaram mão de instrumentos de corda e de sopro para emoldurar composições tecnicamente elaboradas. “Eles são fruto dessa repressão e, por isso, querem construir a imagem do sambista separada da do vagabundo”, explica a autora.

Na década seguinte, porém, a nova geração troca os salões pelos botecos ao pé dos morros. Ali, quem dita o ritmo são a cuíca, o pandeiro e o tamborim. E o violão, quando aparece, segue a intuição do “músico”, sem maiores técnicas. “Essa geração já assume a malandragem como ideia de individualidade. O samba passa a ser portador da história da exclusão social”, diz Giovanna.



Sambistas antigos, como Ismael Silva, sofreram o mesmo preconceito que hoje atinge os funkeiros

Isso fica claro não só pelo comportamento dos sambistas, que regavam as rodas com cerveja e jogatina, como pelas letras das canções. Repudiada pela elite, a malandragem é incorporada nas músicas, que a tratam com ironia e deboche. O samba se assume como filho do morro.

Com a chegada do rádio, o ritmo começa a quebrar as fronteiras da periferia. Com o projeto nacionalista de Getúlio Vargas, incorporando as manifestações populares do país, o ritmo entra definitivamente para o imaginário nacional. A professora da PUC, no entanto, lembra que sua inclusão é facilitada no fim dos anos 20 pelas gravações de sambistas como Noel Rosa e Francisco Alves, brancos e de classe média. "Mesmo vistos como boêmios, não era a mesma coisa de um negro".

Filho do morro, o funk hoje também tem apoio de quem é do asfalto. A cantora Fernanda Abreu, o antropólogo Hermano Vianna e a própria secretária estadual de Cultura, Adriana Rattes, fizeram coro pela volta dos bailes. MC Leonardo agradece a força, mas ressalta que a batida só pode ser perfeita se vier das favelas: "O cara só vai saber falar do barracão de zinco se viver no barracão de zinco. Só vai saber cantar o dia a dia da favela se morar lá", diz. "O funk está nas mãos do favelado".

#### Jefferson disse...

Concordo que o samba possua letras de duplo sentido (por favor, não vamos confundir pagodes de "barata" e outros com samba). Mas o samba tem arranjos, melodia, É MÚSICA! O funk nos anos 80 ainda tinha isso, quem não lembra da "melô da cachaça", "melô da mulher feia", e por aí vai. Hoje 90% do funk é uma batida irritante, tambores no fundo e a mesma frase repetida 5.000 vezes... onde está a cultura nisso?

02/11/2009 08:25

#### Rafael Soares disse...

Matéria muito boa. É comum ao tempo presente não compreender direito o que está se passando no agora. Por isso dizem que é preciso um distanciamento do tempo em que acontece o fato para se compreendê-lo com mais precisão. Posso não gostar de funk, mas letras com palavrão e músicas com duplo sentido...como o Jefferson afirmou ser um despautéio...também tem no samba. É uma pena que não se posso encherger além do que se vê. Eu adoro samba, quem sabe daqui a uns 30 anos o funk não se torne o "novo samba"? Sobre depredação, vandalismo e barulho. Qualquer festa tem dessas coisas...e cá entre nós, drogas são vendidas em todos os lugares. As universidades estão cheias, e aí? Descrimine as universidades também...

31/10/2009 09:38

#### Jefferson disse...

Achei uma comparação dispensável. Acho um "sacrilégio" comparar um ritmo com melodia, arranjos, letras elaboradas e muito "talento embutido" como o samba com um "ritmo" que se resume à batidas eletrônicas, "cantores" desafinados, gritos e palavrões e/ou frases de duplo sentido. Funk NÃO É CULTURA... pelo menos eu tenho vergonha quando dizem em outros países que esse LIXO representa a CULTURA BRASILEIRA. E como disseram aí embaixo, a grande maioria dos bailes em comunidades são sim organizados por traficantes e têm como principal objetivo a venda de drogas.

31/10/2009 07:47

#### Eduardo disse...

É necessário uma análise com mais atenção do que apenas julgar todos os bailes como expressão de criminalidade e "vandalismo". O que dizer então das festas promovidas pelas boates na Zona Sul, em que filhos das classes altas arrumam confusão, se alcoolizam e promovem tumultos? É preciso refletir com atenção antes de julgar a estigmatizar. Abraços.

26/10/2009 00:40

#### Edney disse...

Comentário: Notícia lamentável, pois somente os moradores das proximidades destes clubes sabem o inferno que esses bailes, patrocinados em sua maioria pelo tráfico, representam para a comunidade. A coisa é ainda pior durante a saída, pois o vandalismo se faz com força total e os riscos de agressão são uma constante para os transeuntes, que por uma infelicidade, possam estar passando naquelas redondezas.

23/10/2009 18:48

## Publicação e resposta às entrevistas

---

**Agora as entrevistas de vocês vão dar mais vida ao conhecimento que foi ampliado nesta unidade. Boa sorte! O professor vai ajudar nas orientações. Depois, vamos fazer um balanço final: o que aprendemos? Do que mais gostamos? Noel Rosa permanece de que jeito para nós?**

*O samba é um bonito modo de viver* - Nelson Sargento, sambista da velha-guarda



## **Capítulo 2: Conversa com o professor**

### **2.1 O caderno do professor**

Neste capítulo, apresento uma proposta de planejamento das aulas. Há sempre uma diferença entre o material didático, o planejamento do professor e a aula. O material didático é um ponto de partida que deve ser muito bem explorado, por ter grandes limitações de conteúdo e de diálogo com os alunos. Para tornar as aulas completas, é preciso haver um planejamento refletido: cada turma tem suas características, que merecem atenção.

No caderno do professor que segue, estão explicações quanto aos objetivos e pressupostos das atividades e sugestões de como conduzi-las. Também estão contidos subsídios para o trabalho com Noel Rosa, a canção e as entrevistas, possibilitando uma preparação do professor e um aprofundamento de conteúdo. O caderno do aluno já contém boa parte do que é necessário para o trabalho, mas precisamos agregar recursos audiovisuais, tais como CDs contendo as músicas trabalhadas, gravadores para as entrevistas e laboratório de informática para o acesso a algumas páginas que são fundamentais para a unidade.

É importante ter claro, ainda, que a aula é um processo dinâmico em que cada turma e aluno mostram diferentes níveis de interação com o conteúdo. Estas diferenças podem ser levadas em conta para adequar alguns elementos da unidade, sobretudo no que se refere ao ritmo e à retomada de conteúdos que não ficaram claros.

**2.2 *Conversa de Botequim*: caderno do professor**

# Conversa de Botequim

caderno do professor

## **Apresentação**

Nesta unidade, o trabalho concentra-se nos gêneros canção e entrevista radiofônica. Os dois gêneros, apesar de circulação e funções diferentes, se relacionam de uma maneira que pode render projetos interessantes na aula de língua portuguesa. O título *Conversa de botequim*, além de ser uma excelente canção de Noel Rosa, nos insere no ambiente de diálogo e informalidade da canção popular brasileira. A produção dos alunos é justamente qualificar conversas – entrevistas radiofônicas – que dão vida a esse conhecimento: Noel Rosa, o samba, as referências da canção popular brasileira.

Todo mundo ouve canção, mas a gente sempre pode ouvir melhor, prestando atenção em elementos novos, relacionando uma canção com outras que já foram produzidas, reconhecendo instrumentos e assuntos de uma mesma família musical. Assim, vamos trabalhar com o reconhecimento de características que são somente da canção, e que têm grande importância para a cultura brasileira.

No gênero canção, não existe uma estrutura lingüística que seja particularmente importante. Não é um gênero que ajude os alunos a produzir textos melhores no sentido gramatical. O que surge como conteúdo de língua nas canções de Noel Rosa está muito concentrado no vocabulário. A escolha de trabalhar essencialmente com léxico foi feita em função da riqueza de termos que trazem marcas do tempo e do campo semântico da canção – indício da enorme importância cultural do gênero.

O gênero entrevista radiofônica surge como uma resposta contemporânea compatível com as canções de Noel Rosa. Ampliar o léxico que diz respeito à canção, neste caso, significa uma qualificação fundamental para estar à vontade com o mundo de referências do entrevistado. O contato com o gênero – através da produção, da escuta e da análise – ainda tem como objetivo tornar os alunos melhores ouvintes de entrevistas.

A escolha de trabalhar com dois gêneros orais na unidade é uma forma de valorizar a fala e a escuta, muitas vezes ausentes nas aulas de língua portuguesa. A maioria das atividades propõe a troca de ideias na busca de soluções conjuntas porque a presença significativa da fala também pode formar melhores ouvintes na vida, num constante exercício de respeito à voz do outro.

## Objetivos

Os alunos, ao final da unidade, terão ampliado sua capacidade de:

- relacionar, na escuta de canções, elementos verbais e não verbais, reconhecendo seu sentido global;
- compreender a canção e, mais especificamente, o samba como fenômeno relevante para a compreensão da cultura brasileira;
- refletir sobre o rádio e sua importância através da história da cultura brasileira;
- interpretar os modos como a cultura brasileira é expressa por meio da canção no estilo samba;
- utilizar recursos lexicais de modo refletido e seletivo, de modo a construir um texto que se insira numa interlocução pública bem definida e reconhecível: a entrevista radiofônica;
- reconhecer o contexto como fato relevante para a interpretação da canção;
- relacionar uma informação do texto com outras informações de contexto ou oferecidos por outro texto;
- realizar inferências a partir de pistas linguísticas e culturais presentes em um texto.

## Conteúdos

- **Canção:** circulação social e funções ontem e hoje, sua importância na cultura brasileira, sua natureza, que reúne letra e melodia; as origens e a tradição do samba no país, estudo de canções do compositor Noel Rosa, seu papel na história da canção popular brasileira;
- **Entrevista radiofônica:** seus modos de organização, circulação social e funções;
- **Estudo de vocabulário:** campo semântico da canção, marcas do tempo, expressões idiomáticas.



## O rádio como ele é, o rádio como ele era

Este primeiro momento da unidade apresenta aos alunos o meio de comunicação com o qual irão trabalhar mais adiante: o rádio. Através da leitura de um texto, do trabalho com uma imagem antiga e de entrevistas feitas por eles mesmos, os alunos vão conhecer mais sobre a importância e a história do rádio. É este aparelho, presente na vida de todos até hoje, que vai levar os alunos para a década de 30, tempo de Noel Rosa. Por isso, a intenção aqui é relacionar e comparar as funções que o rádio já teve com aquelas que ele ainda tem. Também são etapas fundamentais a produção e a avaliação, construídas em grupo, das entrevistas.

### **Começando a conversa**

Esta discussão inicial proposta antes de começar a leitura tem o objetivo de elencar e valorizar conhecimentos que os alunos já têm sobre o assunto do texto. Também é uma maneira de aquecer a turma para a leitura, dando pistas do que irão encontrar em seguida. A ideia das perguntas – que podem ser lidas em voz alta antes do exercício – é que eles conversem e tomem nota do que surge nas respostas para depois ampliar o debate com a turma inteira. As contribuições serão todas divididas e colocadas no quadro negro, e os próprios alunos podem ajudar na escrita.

Em algum momento, as anotações que estão no quadro devem ser copiadas pelos alunos ou por algum representante da turma que fique responsável por guardá-las. No decorrer das próximas atividades, essas anotações serão colocadas em comparação com uma época inicial do rádio, que será conhecida através de entrevistas. Por isso, é interessante deixar que as três perguntas ampliem a conversa, abrindo para questões como a frequência com que os alunos escutam rádio, se o único interesse é a música, se percebem diferenças entre o uso do rádio por eles ou por seus avós, por exemplo.

### **Leitura inicial**

É importante criar o hábito da leitura silenciosa em aula, porque é desta maneira que lemos fora da escola. Trata-se de um exercício individual que exige concentração e que se torna mais fácil com a prática.

Antes de ir ao texto, o aluno precisa ser orientado para as finalidades da leitura. As perguntas feitas têm como objetivo uma compreensão global. Neste exercício, os alunos não precisam escrever as respostas, mas tê-las na ponta da língua para participar da discussão no grande grupo. Este é o momento de tornar o texto claro para todos, que podem ouvir opiniões e dúvidas de colegas, compreendendo o texto na medida em que se estabelece o diálogo.

A discussão da primeira pergunta pode render bastante, porque dá conta de quase todo conteúdo do texto: desde o uso pessoal de um rádio na sala, para ouvir músicas e comentários esportivos, até o uso, do outro lado do aparelho, por Hitler. (Talvez seja importante esclarecer para os alunos as funções que, entre outros, Hitler, Mussolini e Getúlio Vargas deram ao rádio.) O que está em jogo nesta discussão é justamente perceber a amplitude que tem e teve o rádio em nossas vidas. As outras duas perguntas devem, a seu modo, avançar para a enumeração das diferenças entre épocas – muito em função de outros meios de comunicação que surgiram e que hoje substituem o rádio no papel de entreter os jovens – e de mais usos que os alunos fazem do rádio.

Na leitura de qualquer tipo de texto, precisamos fazer com que as noções de autor e contexto apareçam. É por isso que tanto “a autora” como o momento em que o texto foi escrito estão presentes nas perguntas. Ou seja, ler um texto também é saber quem o escreveu, para quem, com que função, em que época. O aluno-leitor, outra peça fundamental para a interlocução, tem que ser estimulado a se posicionar diante do que lê, concordando, discordando, duvidando, achando graça.

### **Glossário**

A presença de um glossário junto ao texto pretende facilitar a leitura silenciosa. É legal que se chame a atenção dos alunos para isso, de modo que a leitura da turma não seja interrompida a cada minuto, geralmente pela mesma dúvida. Um glossário não pretende esgotar as questões de vocabulário que surgem, até porque muitos sentidos são dedutíveis pelo contexto e este exercício deve ser incentivado. No texto em questão, é provavelmente o caso de “três em um”.

### **Nossos textos, nossa língua**

Esta seção busca trabalhar com a língua conforme ela surge de cada texto que lemos. Nenhum texto foi escrito para um trabalho “ideal” com conteúdos específicos de

linguagem, mas sim para ser lido em sua função comunicativa. O que não significa que um texto não traz ricas discussões de vocabulário, de estrutura de frases, de procedimentos argumentativos etc. Essas questões, porém, só aparecem depois que o texto cumpre sua função comunicativa, tendo um leitor que de algum modo respondeu a ele.

O que está proposto aqui como exercício de linguagem tem origem na palavra “paradoxalmente”, que aparece logo no início do texto. É uma palavra que, se não trabalharmos de perto, pode passar ao largo. Mas ela provavelmente causa algum estranhamento nos alunos. E é importante “diminuir o tamanho dos monstros”.

Há uma atividade quase intuitiva de compreensão da linguagem que será exercitada nesse momento. Os alunos conhecem e sabem usar: não é qualquer palavra que recebe o sufixo – *mente*. A questão é que seu repertório é pequeno, e vamos trabalhar de forma não exaustiva para esclarecer algumas coisas.

### **Juntando as pontas**

Seu papel nesta atividade, professor, é fundamental. Os alunos vão construir, junto com a sua ajuda, uma compreensão mais clara deste objeto de estudo: os advérbios terminados em –*mente*. As experiências sugeridas no caderno do aluno devem ser feitas no quadro, com a colaboração de todos.

### **Entrevistando: o rádio como ele era**

Agora começa uma espécie de “túnel do tempo” que vai gerar as entrevistas com pessoas mais velhas falando sobre o rádio. Chame a atenção dos alunos para a fotografia e tudo que pode ser explorado a partir dela: o fato de não ser colorida, as roupas de época que aparecem, a junção de pessoas ao redor do aparelho de rádio (assunto que já apareceu na leitura do texto), o que é a Casa Branca, etc.

As perguntas que aparecem ao lado servem para guiar uma breve conversa antes de estabelecer a tarefa: realização de entrevistas para saber mais sobre o rádio antigamente. Este é o primeiro contato, na unidade, com o gênero entrevista. Trata-se de uma produção inicial, em que os alunos usam seu conhecimento prévio do gênero, que já é familiar a todos. É significativo que eles busquem pessoas mais velhas, que podem ser uma porta aberta para um tempo em que não viveram.

A tarefa agora é produzir, em grupos, um roteiro para a entrevista que será realizada fora do horário de aula e trazida para a aula seguinte. Ou seja, as entrevistas serão gravadas. **Isto deve ficar bem claro para os alunos!** Trabalhando em grupos, devem providenciar uma maneira de gravar: pode ser fita cassete, mp3, gravador digital. Hoje não faltam meios para registrar materiais em áudio.

Para estimular a criação dos roteiros, comece uma discussão sobre que perguntas poderiam trazer informações interessantes. Você pode colaborar sugerindo outras e ajudando a melhorar as que aparecem, quando necessário. É importante lembrar os alunos que algumas perguntas são mais restritivas que outras, conduzindo a respostas mais ou menos abrangentes. Qual o objetivo da entrevista? Saber apenas se ouviam rádio ou saber como era o dia-a-dia diante do rádio? São perguntas que podem ser colocadas para guiar o trabalho dos grupos, antes de começarem a colocar o roteiro no papel.

#### **Nossas entrevistas: ouvido atento**

A sugestão para a escuta inicial das entrevistas é que a turma toda escute uma por uma, fazendo anotações do conteúdo para responder às perguntas que estão no caderno do aluno. Dependendo das entrevistas, talvez a atividade tome tempo demais ou não funcione numa turma inteira. Neste caso, outra dinâmica pode ser a escuta, em grupos, de uma ou duas entrevistas que não sejam a sua. Após esta primeira parte, vocês podem fazer um quadro comparativo do rádio ontem e hoje, juntando as informações das entrevistas com as anotações feitas e registradas na atividade **Começando a conversa**.

#### **Nossas entrevistas: ouvido crítico**

Entender e discutir o significado da palavra *crítico*, nesse contexto, pode ser interessante e esclarecedor para os alunos. Em seu uso mais corriqueiro, a palavra geralmente está associada à atitude negativa de ressaltar apenas defeitos de alguma coisa, num comentário destrutivo. Mas esta é uma extensão do sentido inicial de examinar uma obra de arte com minúcia, sem preconceitos, no intuito de compreender seu valor. Um trabalho breve de consulta ao dicionário seguido de uma conversa já seriam suficientes para deixá-los mais à vontade para o exercício crítico das produções deles e de seus colegas.

Em seguida, a pergunta **o que é importante numa entrevista?** deve guiar a turma para, junto com o professor, criar uma grade provisória de avaliação para as entrevistas suas e dos colegas. Trabalhe com o quadro negro e encha ele de pontos importantes trazidos pelos alunos. Aos poucos, na comparação com novos pontos que surgem, é provável que percebam que um ou outro pode ser tirado ou definido de outra forma, etc. O quadro abaixo é uma sugestão de perguntas que podem aparecer neste momento e ao longo dos próximos contatos que os alunos terão com o gênero entrevista. Elas não devem ser “entregues”, mas construídas junto com os alunos. Eles podem encontrar detalhes importantes que não aparecem aqui, assim como argumentar que uma sugestão do professor talvez não seja tão relevante. O legal neste momento é valorizar o conhecimento prévio dos alunos sobre as entrevistas e suas características.

**Conteúdo:** as perguntas estão bem formuladas? São respondidas de maneira satisfatória? Perguntas e respostas estão claras? O entrevistador mostra ter alguma informação sobre o assunto?

**Organização:** como é a ordem das perguntas? A ordem parece ser previamente pensada? O entrevistador demonstra conhecer seu roteiro de perguntas?

**Interação:** o entrevistador presta atenção às respostas, reformulando perguntas, se necessário? Demonstra qualquer reação diante das respostas? Cria novas perguntas diante de algo inesperado?

**Qualidade sonora:** perguntas e respostas são audíveis? Há diferença de volume ou de qualidade entre a voz do entrevistador e do entrevistado? Há outros sons que atrapalham a audição?

**Duração:** qual a duração da entrevista? As perguntas estão bem distribuídas no tempo, tendo durações parecidas/diferentes conforme interesse/importância? A entrevista é longa demais, curta demais?

Cada grupo vai escutar e analisar duas entrevistas realizadas por outros grupos. A análise deve ser feita a partir do quadro de avaliação que acabaram de criar. É bom que o trabalho seja feito com mais de uma entrevista para poder estabelecer uma comparação e, dependendo, reavaliar. Cada análise deve ser entregue por escrito para o grupo que realizou a entrevista. O grupo que recebeu as análises de seu material vai

escutá-lo novamente para formular uma lista do que pode melhorar e de como pode melhorar.

Oriente a turma para unir suas listas e formar uma só. A atividade pretende mostrar: nossas entrevistas encontram as mesmas dificuldades? Que tipo de “erro” foi mais comum? O que a turma precisa aprender sobre entrevistas? É a partir destes resultados que podemos estabelecer parâmetros para a produção que será feita mais adiante.

Diferente da reescrita de um texto, a análise das próprias entrevistas é um processo de conscientização do aluno para uma próxima oportunidade de produção. Esta lista única vai ser registrada por alguns alunos para, ao final da unidade, ter uma ideia de trajetória da turma na produção e avaliação de entrevistas.

## Conversas de botequim

Esta parte da unidade realiza uma verdadeira viagem no tempo, com a ajuda de manchetes e notícias antigas, com a imagem de Noel Rosa desenhada por ele mesmo e com uma canção sua que traz à tona hábitos curiosos para os dias de hoje. Ao mesmo tempo, o contato com o passado se dá de uma forma muito contemporânea: é pelo site do Instituto Moreira Salles, uma grande ferramenta de preservação do patrimônio artístico do país, que chegamos à canção dos anos trinta. Além disso, a canção *Conversa de botequim* nos conduz quase que naturalmente à escuta do programa de rádio de mesmo nome, existente desde a década de 1990 na Rádio FM Cultura de Porto Alegre.

**Professor**, há muitas maneiras de conhecer mais sobre a vida e a obra de Noel Rosa. Na internet, o site [www2.uol.com.br/noelrosa/](http://www2.uol.com.br/noelrosa/) conta até com uma seção “curiosidades noelinas”. O recente filme *Noel – poeta da vila* (2006), de Ricardo Van Steen, também busca contar mais de perto sua história. Em livros, o compositor é tema das coleções “Mestres da música no Brasil”, da editora Moderna, e “Jovens sem fronteiras”, da Nova Alexandria. A série Revivendo se encarregou de preservar sua obra em áudio, nos CDs *Noel Rosa – feitiço da vila* e *Noel Rosa por Aracy de Almeida e Mário Reis*.

## Apresentando um velho conhecido

Este exercício inicial pode ser feito individualmente, e não deve tomar muito tempo. É uma preparação para o que virá na sequência. Aqui Noel Rosa aparece “de trás para frente” com o objetivo de gerar curiosidade sobre o compositor. Não é a morte de qualquer um que vira manchete em todos os jornais. Além disso, as manchetes trazem marcações ortográficas que chamam atenção para a época em que foram escritas. O trabalho com notícias – no caso, através de suas manchetes – precisa sempre trazer uma reflexão, por mais breve que seja, sobre as escolhas feitas por quem a escreveu. Autoria é característica de qualquer texto, oral ou escrito, mas há aqueles que, sendo informativos, acabam se passando por neutros.

Todos os jornais que noticiaram a morte de Noel Rosa, em 1937, hoje estão extintos. É legal lembrar que eram todos jornais cariocas numa época em que o Rio de Janeiro ainda era a capital do Brasil. As informações abaixo podem auxiliar a conversa. Repare que o jornal conhecido por suas manchetes surpreendentes é justamente aquele que diz que Noel Rosa morreu cantando! As notícias podem ser conferidas na íntegra no site [www.musicabrasileira.org/noelrosa/](http://www.musicabrasileira.org/noelrosa/).

**Correio da Manhã:** Foi um dos principais jornais do Rio, fundado em 1901 e extinto em 1974.

**Diário Carioca:** Fundado em 1928, o jornal chegou a ser um dos mais influentes do país, até ser extinto em 1965. Tem uma página de memória na internet: [www.diariocarioca.com.br](http://www.diariocarioca.com.br).

**Diário da Noite:** Vespertino do Rio de Janeiro famoso pelas manchetes surpreendentes. Jornal em que o escritor Nelson Rodrigues publicou folhetins sob o pseudônimo de Susana Flag.

**Diário de Notícias:** Fundado em 1930, ganhou o nome de “o jornal da revolução”, por ser um exemplo de exercitar o combate em defesa da justiça social.

**A Noite:** O jornal existiu entre 1911 e 1957. Foi a primeira publicação das organizações Globo.

Terminado o exercício, explore com a turma o desenho que Noel Rosa fez de si mesmo. Chame atenção para o rosto. É normal? É um pouco esquisito? O queixo do Noel se tornou sua marca registrada. O cigarro traz que ideia? Depois, a legenda da imagem também não pode passar em branco. Noel Rosa costumava colocar um trema sobre o *e*. Noël, em francês, significa natal. Mas que sentidos pode haver nesse trema?

Por que chama atenção, é inusitado, simpático? Uma coisa é certa: alguém que toma a decisão de variar a escrita do próprio nome, além de ser alfabetizado, é letrado. Ou seja, tem consciência da língua e suas possibilidades.

**Professor**, esta unidade lida com conteúdos que podem render um **projeto interdisciplinar** bem interessante. Se for possível, organize-se com professores de outras áreas para tornar o trabalho ainda mais significativo para os alunos. Aqui vão algumas sugestões:

•**Artes visuais**: Por ter uma fisionomia bastante peculiar, Noel Rosa foi caricaturado pelos mais diversos artistas, inclusive por ele próprio (ver página 4 do caderno do aluno). Quando pesquisamos seu nome em Google Imagens, é o que mais aparece. O professor de artes poderia aproveitar essa entrada para criar atividades que tornem os alunos mais familiarizados com a caricatura e suas características.

•**Educação física e/ou Dança**: No país do samba no pé, seria muito rico desenvolver um trabalho mais de perto com a cultura do samba de gafieira, que envolve não apenas a dança, mas também o comportamento malandro e elegante, a roupa branca, o chapéu panamá, a sandália de prata etc.

•**Ciências**: O professor exploraria o funcionamento do rádio através da história, mostrando as transformações por que passou e as possibilidades de difusão que vêm surgindo.

•**História**: As canções de Noel Rosa têm como pano de fundo o Brasil e o mundo nos anos 30, época que pode render bons trabalhos e pesquisas. Também podemos ampliar a compreensão do fenômeno rádio ao perceber sua função histórica na época de Getúlio Vargas e durante as grandes guerras.

•**Música**: A colaboração do professor de música nesta unidade significaria um ganho enorme para os alunos, que poderiam se familiarizar com os instrumentos presentes no samba, reconhecer suas funções, perceber as diferentes formas do samba e conhecer outros compositores importantes.



**Uma dica!** A primeira fase do vestibular da UNICAMP, em 2005, foi elaborada a partir do tema rádio. A prova pode ser conferida no site [www.convest.unicamp.br](http://www.convest.unicamp.br).

### **Agora na íntegra!**

Será que os alunos sabem o que quer dizer “na íntegra”? Antes de os alunos começarem a leitura, você pode perguntar se eles querem ler a história na íntegra para saber como foi, “tintim por tintim”. As duas perguntas aqui precisam ser, de algum modo, inferidas de informações anteriores. Por exemplo, as leituras e entrevistas sobre o rádio e as manchetes de jornais do Rio de Janeiro numa época em que não havia outros meios de comunicação presentes em todas as casas.

### **Uma notícia, suas versões**

Esta atividade pretende aprofundar um pouco o assunto que surgiu com as manchetes. A sugestão é conduzir a discussão no grande grupo, porque todos podem trocar experiências com manchetes ou informações exageradas, opiniões sobre as razões, sobre a credibilidade ou não que têm em alguns jornais, canais de televisão, etc.

### **Nossos textos, nossa língua**

Para responder às perguntas, faça os alunos se juntarem em duplas, avisando que depois as respostas serão compartilhadas. Na primeira, devem enumerar todas as diferenças ortográficas que reconhecem. Quando a palavra “fans” surgir, pergunte: Como se escreve hoje? De que língua vem? Faça os alunos perceberem que a palavra ainda não era dicionarizada no português. Por que às vezes precisamos importar palavras? Em que campos semânticos? Faça com que percebam que não é qualquer palavra que invade outra língua. Compare com alguns casos atuais. As duas perguntas seguintes, ao serem divididas, devem enriquecer o trabalho com os advérbios e também estimular a dedução de sentidos pelo contexto.

### **Preparando o ouvido**

Este trecho aparece para dar informações anteriores à canção que será escutada. Não é a intenção torná-lo objeto de estudo mais profundo. Sua leitura pode ser feita em voz alta, chamando atenção para as práticas curiosas de tempos atrás. Pergunte aos alunos: as práticas descritas no texto são comuns até hoje? O que mudou?

## **Escutando Noel Rosa**

Escutar Noel Rosa através do site do Instituto Moreira Salles une dois objetivos. O primeiro é mostrar o alcance de um compositor que, como acabamos de ver, faleceu em 1937. O programa em que aparece homenageado é o primeiro, na estreia da Rádio IMS. O segundo objetivo é fazer com que os alunos conheçam uma importante ferramenta de preservação do nosso patrimônio cultural.

A audição será o primeiro contato com a obra de Noel Rosa, e é bem provável que haja um certo estranhamento. Afinal, trata-se de uma canção gravada décadas atrás, dialogando com parâmetros musicais e sociais muito diferentes dos nossos. O objetivo, nesta experiência inicial, é ouvir para responder: **Vocês já tinham ouvido essa música? Gostam dela? Por quê?** (Sabemos que os porquês estéticos são muitas vezes tão íntimos que nem conseguimos explicar. E perceber isto já é um ótimo exercício.) Lembre-se que os alunos não precisam sair correndo para comprar a discografia de Noel Rosa! Ao longo da unidade, eles encontrarão boas razões para entender seu valor na nossa cultura. Apresentá-lo aos alunos é também estimular a capacidade de reconhecer valor em coisas com as quais não se identificam.

## **Canção: letra e música**

As seções letra e música, assim como na canção, não são independentes uma da outra. Um dos objetivos centrais desta unidade é tornar isto mais claro para os alunos, qualificando sua relação com as canções. Diga aos alunos que escutem outras vezes a canção para responder às perguntas da forma mais completa possível. Se precisarem, podem parar o programa para fazer anotações, avançar, voltar e assim por diante. Depois que todos estiverem satisfeitos com suas respostas, você pode fazer as seguintes perguntas oralmente:

1. Você acha que Noel Rosa conseguiu reproduzir bem uma conversa dentro de uma música? (Faça com que expliquem: como? Por quê?)
2. A intérprete, ou seja, a pessoa que canta é uma mulher. Prestando atenção na letra, você acha que quem está conversando na canção também é uma mulher? (Eles sabem o que é um intérprete? O que é mesmo interpretar? É uma característica muito importante do gênero canção. Uma canção é a mesma quando chega até a gente por cantores diferentes? Até onde ela pode mudar?)

3. Para quem respondeu que **não**: Você acha que a intérprete feminina é um problema para a canção? (É comum acontecer isso, de ter uma voz feminina cantando um “eu” masculino, ou vice-versa?)

### **Nossas canções, nossa língua**

Este exercício pode ser feito fora do laboratório de informática, se precisar. O objetivo é trabalhar com o vocabulário, e a sugestão é que trabalhem em grupos para encontrar o sentido das expressões usadas por Noel Rosa.

**Professor**, sabemos que uma unidade tem limitações, principalmente quando falamos de leitura extensiva. Canções e entrevistas podem ser ouvidas e produzidas em sala de aula, com tempo para discussão, reelaboração, estudo mais minucioso e outras atividades de compreensão. Mesmo assim, não chegam a cinco as canções trabalhadas a fundo nesta unidade, e apenas três entrevistas produzidas fora do âmbito escolar são escutadas e analisadas. Por isso, é importante estabelecer, além das atividades previstas nos cadernos do aluno e do professor, um contrato de leitura/escuta fora do horário de aula. São textos que não serão trabalhados no detalhe, mas têm grande valor para a **ampliação de repertório** dos alunos. Nesta unidade, incentive o contato com outros compositores fundamentais para a história da canção popular brasileira, com sites e livros que se dedicam ao assunto. Isto ajudará na preparação das entrevistas. As listas que seguem são sugestões valiosas para quem quer conhecer mais deste rico patrimônio.

#### **Compositores**

Adoniran Barbosa, Ary Barroso, Braguinha, Caetano Veloso, Cartola, Chico Buarque, Dolores Duran, Dorival Caymmi, Gilberto Gil, Jorge Ben Jor, Lamartine Babo, Lupicínio Rodrigues, Milton Nascimento, Paulinho da Viola, Tom Jobim, Vinícius de Moraes.

#### **Sites**

Dicionário Cravo Alvin da Música Popular Brasileira [www.dicionariompb.com.br](http://www.dicionariompb.com.br)

Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro [www.mis.rj.gov.br](http://www.mis.rj.gov.br)

Página do compositor e pesquisador da canção Luiz Tatit [www.luiztatit.com.br](http://www.luiztatit.com.br)

Agenda do samba e do choro [www.samba-choro.com.br](http://www.samba-choro.com.br)

Instituto Brasilidades [www.institutobrasilidades.blogspot.com](http://www.institutobrasilidades.blogspot.com)

Chico Buarque [www.chicobuarque.com.br](http://www.chicobuarque.com.br)

Gilberto Gil [www.gilbertogil.com.br](http://www.gilbertogil.com.br)

Caetano Veloso [www.caetanoveloso.com.br](http://www.caetanoveloso.com.br)

Expresso 2222 [www.expresso2222.com.br](http://www.expresso2222.com.br)

Revista Música Brasileira [www.revistamusicabrasileira.com.br](http://www.revistamusicabrasileira.com.br)

### **Outras conversas de botequim**

A intenção aqui é que os alunos escutem uma entrevista atual, de qualidade e que tenha como assunto a canção. O programa Conversa de Botequim vai ao ar de segunda a sexta, recebendo quase diariamente um entrevistado que seja músico ou que tenha relação com a área. O entrevistador conhece o assunto e faz perguntas que mostram pesquisa, interesse e experiência. Você poderá escolher qualquer entrevista, porque o interesse é ouvi-la mais de perto, analisar, entender seu funcionamento. O que vale é ter contato, ao longo da unidade, com textos de referência do gênero que irão produzir.

### **Ouvido atento**

Este exercício é para prestar atenção no conteúdo da entrevista. Pode ser feito pela turma inteira ao mesmo tempo. Aproveite assuntos, termos e referências que surgem na entrevista para melhorar a compreensão dos alunos.

### **Ouvido crítico**

Neste momento, todos farão o exercício de avaliar a entrevista conforme o quadro criado algumas aulas atrás. O trabalho individual, numa primeira etapa, pode colaborar para que cada um encontre sua forma de interpretar os diferentes pontos por que uma entrevista pode ser avaliada. Depois, os alunos podem se juntar em duplas para comparar e, se for o caso, repensar suas anotações. Estimule ajustes que podem ser feitos no quadro avaliativo, sempre conferindo se a turma inteira concorda e discutindo as razões de cada alteração.

## Canção é pra escutar

Este terceiro momento da unidade pretende aproximar os alunos dos elementos não-verbais da canção, enfatizando sua relação de complementaridade com a letra. A turma vai falar de sua experiência com instrumentos e ler um depoimento íntimo de Noel Rosa sobre sua relação com o bandolim. Haverá também uma aula para prestar atenção, sem grande rigor, nas conexões entre letra e música de algumas canções que serão escutadas apenas com este objetivo.

### **Como é bom poder tocar um instrumento**

Depois de juntar as informações de cada grupo, acrescente outras perguntas. As respostas podem ser colocadas no quadro. Quantos tocam algum instrumento? São mais meninos ou meninas? Por que será? Quais instrumentos são tocados? Tem algum que é mais comum? Qual será a razão? Qual a sensação de tocar um instrumento? Deixe as anotações no quadro e, antes de ler o texto em voz alta, pergunte: o conteúdo do depoimento se parece com a conversa que acabamos de ter? É algo que vai render. Apesar das diferenças de época, as relações que se estabelecem das pessoas com os instrumentos permanecem. É legal que com este depoimento eles se sintam próximos de Noel Rosa, por tocarem um instrumento ou por admirarem alguém que toca.

Chame ainda atenção para a foto de Jacob do Bandolim, músico um pouco mais jovem que Noel e que o tinha como ídolo. Quem na turma conhece o bandolim? É um instrumento comum hoje? Em que tipo de músicas ele aparece? Este tipo de nome artístico é comum? São perguntas que podem nortear uma conversa breve que antecede a leitura mais atenta.

### **Leitura atenta**

Estas perguntas podem ser respondidas individualmente, por escrito. Acompanhe o mais de perto possível as respostas e dúvidas dos alunos, auxiliando-os através de mais perguntas. Não ofereça respostas imediatamente. Isto pode se tornar um vício! É muito mais fácil para os alunos recebê-las prontinhas, mas também pode ter como consequência alunos que não experimentam, que não confiam na sua própria capacidade.

## **Escuta atenta**

Este exercício propõe uma escuta que pretende enriquecer as experiências futuras dos alunos com a canção. Não se pretende analisar as canções na minúcia, mas sim tornar mais explícitas algumas características muito importantes. A decisão dos instrumentos, a voz empostada ou não, as marcas da época, a qualidade da gravação etc. As canções sugeridas aqui podem ser trocadas por outras sem prejuízo, desde que possuam diferenças perceptíveis aos ouvidos dos alunos.

A atividade da linha do tempo, por menor que seja, pode ser interessante para desenhar no quadro e fazer os alunos discutirem as razões que levam eles a colocá-las num ou noutro lugar. Depois de juntar as informações e palpites de todos, revele os nomes das canções, intérpretes e datas de gravação:

*Boa viagem!* Aurora Miranda (irmã de Carmem Miranda), década de 30.

*Palpite infeliz* João Gilberto, anos 50-60.

*Pra que mentir?* Paulinho da Viola, 1976.

Explique para a turma que, depois dessa conversa, estamos todos mais preparados para prestar atenção em outra coisa: como é que tudo que conseguimos descrever da música se relaciona com a letra da canção. Se possível, prepare-se para esta atividade com a leitura do capítulo inicial do livro *O cancionista*, de Luiz Tatit (Edusp, 1996).

## **Um certo carnaval**

Temos aqui a história de Pierrô, Colombina e Arlequim, através do artista Di Cavalcanti, de um quadro informativo que descreve os personagens e de uma canção que materializa o trio amoroso nos carnavais do Rio de Janeiro. É bem provável que a história de Pierrô e Colombina não pertença ao mundo de referências da maioria dos alunos. Um dos objetivos é que os alunos percebam que o carnaval tem uma longa trajetória, que Noel Rosa fez e ainda faz parte da festa. Além disso, a canção, gravada por Maria Bethânia, conduz a uma entrevista que a cantora realizou com Chico Buarque, o que dá aos alunos um bom panorama dos caminhos que fez a canção popular brasileira até os dias de hoje.

Neste trabalho com o quadro de Di Cavalcanti, a segunda pergunta precisa de alguma maneira retornar à informação dada no cabeçalho: o artista fez parte da Semana de Arte Moderna. O que o nome do movimento já nos diz?

A Semana de Arte Moderna representou uma verdadeira renovação de linguagem, na busca de experimentação, na liberdade criadora da ruptura com o passado e até corporal, pois a arte passou então da vanguarda, para o modernismo. O evento marcou época ao apresentar novas ideias e conceitos artísticos, como a poesia através da declamação, que antes era só escrita; a música por meio de concertos, que antes só havia cantores sem acompanhamento de orquestras sinfônicas; e a arte plástica exibida em telas, esculturas e maquetes de arquitetura, com desenhos arrojados e modernos.

Fonte: wikipédia

Depois de discutir as respostas, peça que os alunos façam a leitura silenciosa do quadro que conta a história de Pierrô, Colombina e Arlequim. Assim que terminarem, pergunte oralmente: Eram quem vocês tinha pensado? Vocês já tinham ouvido falar em algum desses personagens? Sabendo da história, vocês acham que eles estão bem representados na pintura?

### **Nossos textos, nossa língua**

As expressões listadas no exercício merecem atenção: muitas são conhecidas, mas como explicá-las? Deixe os alunos buscarem as respostas entre eles, intervindo o mínimo possível em suas definições. Quando estiverem prontos, oriente o trabalho de juntar as explicações até encontrar uma única. Os alunos podem se dividir em grupos responsáveis por cada expressão.

### **Preparando o ouvido**

Faça com que as perguntas sejam respondidas oralmente, apenas para introduzir mais um elemento do jargão musical: a marcha de carnaval. Em seguida, imagine-se que haverá um estranhamento, pois a versão de Maria Bethânia é provavelmente distante da ideia que todos têm de marchinha.

### **Escutando Noel Rosa**

Repare nas duas interpretações bastante ousadas que acontecem aqui: o olhar irreverente que Noel Rosa dá para a história de Colombina e Pierrô – inserindo-os na boemia carioca dos anos 30 – e a versão “arrastada” que Bethânia faz da marcha, chamando atenção para o triste fim que tem qualquer grande amor. São marcas fortes de autoria, noção que pode ser trabalhada com os alunos. Em que medida elas alteram o sentido das coisas?

### **Canção: letra e música**

Para a realização deste exercício, deixe a música tocar mais algumas vezes. O trabalho individual, enquanto a música repete, pode trazer boas respostas e problematizar a adequação nas relações entre letra e música.

### **Nossas canções, nossa língua**

Depois que os alunos responderem às perguntas, faça com que eles levantem hipóteses para a seguinte pergunta: por que será que Noel Rosa escolheu a indefinição?

### **Bethânia entrevista**

Os alunos, em duplas ou em pequenos grupos, vão escutar a entrevista para responder às questões. Trata-se de uma entrevista bastante singular, realizada entre amigos que não só se conhecem bem como também são conhecidos do país inteiro. Estas peculiaridades podem fazer com que a turma reflita sobre partes fundamentais de uma entrevista: a apresentação do entrevistado, a relação com o ouvinte, a condução das perguntas de maneira que o espectador possa participar sem perdas, a importância de estar atento e bem-informado para realizar boas perguntas. Comente que Chico Buarque é muitas vezes comparado a Noel Rosa, e várias de suas músicas fazem referência ao compositor dos anos trinta. É legal que eles percebam que a tradição da canção popular brasileira atravessa gerações que alimentam um constante diálogo entre presente e passado.

### **Entrevistando: gente que gosta de Noel Rosa**

Desde a experiência inicial que os alunos tiveram com a entrevista, muita coisa mudou. A turma não só escutou boas entrevistas como produziu meios de avaliá-las. O



conhecimento da canção e de Noel Rosa está aos poucos se tornando mais consistente, e precisamos dar vida a tudo isso. A entrevista radiofônica, agora para publicação na rádio escolar, é uma maneira contemporânea de responder às canções de Noel Rosa.

Deve ficar claro para os alunos que o entrevistado precisa ter conhecimento e gostar do assunto, alguém que possa enriquecer a conversa sobre Noel Rosa e o mundo com o qual ele dialoga. Pode ser tanto um músico como um não-músico. Sendo músico, é essencial que tenha formação musical. Quanto aos não-músicos, o importante é ser alguém com formação cultural que tenha esse universo como referência. A escolha pode variar entre críticos culturais, professores de artes/música, diretores de teatro, escritores, museólogos, jornalistas, boêmios etc. Dedique uma aula para uma reunião de pauta para decidir quem serão as pessoas contatadas. Seu papel é problematizar as sugestões dos alunos e trazer também nomes possíveis.

**Sugestão!** Proponha campos de pesquisa para que ninguém perca informações dos entrevistados. Os alunos precisam conhecer bem o assunto para fazer boas perguntas e interagir de modo que renda uma conversa, e não um monólogo. Alguns campos importantes: outros compositores da época de Noel Rosa; mais canções de Noel; jargão da canção popular brasileira; outros momentos da canção no Brasil.

Após a reunião de pauta, os grupos devem se unir para iniciar a elaboração de um roteiro de entrevistas. A elaboração do roteiro tomará a aula e deve ser continuada fora do horário de aula, dando mais tempo para a tomada de decisões. Enfatize que o roteiro, em sua primeira versão, deve ser trazido **daqui a duas aulas** para atividade conjunta em sala de aula. Coloque as perguntas abaixo no quadro e explique que elas podem colaborar neste momento. Oriente de perto as discussões.

O que vocês já sabem sobre essa pessoa? Como podem chegar a contatá-la? Como podem saber mais sobre ela e sua obra? Que perguntas podem render uma boa entrevista? As entrevistas que assistimos/ouvimos podem ajudar a criar o roteiro de perguntas? Como vocês podem tornar a entrevista interessante para os ouvintes? Qual o perfil dos ouvintes? Os ouvintes conhecem o entrevistado? Como gerar interesse em quem não conhece?

## O país inteiro numa canção

A intenção é continuar a conversa, aprofundar cada vez mais o conhecimento: uma canção de Noel Rosa capaz de resumir o país serve também de auxílio para a preparação das entrevistas. Os alunos trabalharão com seus roteiros, fazendo análises e sugestões para os outros grupos, num processo que antecede o encontro com os entrevistados.

### **Parando para pensar**

A canção referida aqui é *À contraluz*, e pode ser escutada no My Space da cantora Jussara Silveira ([www.myspace.com/jussarasilveira](http://www.myspace.com/jussarasilveira)). Paulo Neves é letrista e compositor de canções apenas ocasionalmente. Seu livro *viagem, espera*, publicado em 2006 pela Companhia das Letras, reúne poemas e outros escritos. Esta conversa deve chamar atenção para a dimensão temporal da canção. Quantas resumem uma vida inteira? Quantas se parecem com o tempo real?

### **O país inteiro numa canção**

Antes de escutar a canção, pergunte aos alunos quando é que se pergunta “quem dá mais?”. Nesta primeira audição, peça que os alunos busquem as seguintes informações: • Que ambiente a canção recria? • Que recursos são usados para criá-lo? A esta altura, os alunos já podem perceber os recursos não-verbais que ajudam a compor a cena do leilão.

### **Antes de virar a página**

Não deixe passar em branco esta seção. Não precisa ser trabalhada no detalhe, mas é importante fazer com que os alunos busquem estas respostas na canção. Eles podem trabalhar em duplas enquanto a canção é reproduzida mais uma vez.

### **Canção: letra e música e Nossas canções, nossa língua**

Valorize estes dois exercícios, deixe que tomem conta de uma aula inteira, se for o caso. São questões importantes que falam da identidade nacional. Os alunos as reconhecem e se reconhecem nelas? Que outro produto brasileiro aparece na letra da

música que poderia estar no leilão? Estas figuras tão representativas do país continuam as mesmas? Pergunte aos alunos: se você fosse vender o Brasil inteiro, quais seriam os produtos? Os alunos podem inclusive fazer uma enquete entre os professores da escola para ver que respostas aparecem.

### **Falando de Noel**

Este é um momento para reflexão dos alunos a partir do que já conhecem da obra de Noel Rosa. A frase de Orestes Barbosa é uma entre muitas possibilidades de enxergar a importância de Noel. Aparecendo após a canção *Quem dá mais?...*, o objetivo é perceber a capacidade de resumir o país e os costumes que tinha o compositor. Talvez seja bom pedir que entreguem sua resposta por escrito, com tempo para voltar as páginas e lembrar aquilo que já foi visto lá no início. Depois, você pode ler em voz alta algumas das respostas, sem dizer quem as produziu, e ver se todos concordam, o que eles acrescentariam, etc.

### **Entrevistas audiovisuais**

Esta seção é para os alunos conhecerem um blog muito legal, produzido por alunos de uma universidade, inteiramente dedicado a Noel Rosa. Antes de ir ao laboratório de informática, peça que copiem as perguntas abaixo e levem para responder lá mesmo. 1. Que tipo de página é? 2. Em que seções ela é dividida? 3. Por quem foi criada?

Neste exercício, os grupos devem estar juntos para trocar ideias que auxiliem seus roteiros. O importante na escuta destas entrevistas é que elas se parecem, de algum modo, com o que farão em seguida: alunos entrevistando alguém que fala sobre Noel Rosa. Elas têm vários problemas, comuns nas experimentações. Lembre-se que as entrevistas escolares serão escolares! Não podem ser iguais a uma feita por jornalistas de verdade que contam com uma estrutura física para a realização e também com sua experiência na área. É claro que a intenção é se aproximar o máximo possível.

### **E os roteiros, como vão?**

Hoje é um dia para organizar as preparações das próximas entrevistas. Cada grupo deverá fazer um breve relato para a turma do andamento de sua preparação. As

primeiras versões dos roteiros de entrevistas serão analisadas por outros grupos, que irão fazer comentários e sugestões sobre as seguintes etapas:

√ Qualidade das perguntas; √ Ordem das perguntas; √ Adequação das perguntas para o entrevistado

## **O samba que você me convidou**

Uma última música ouvida atentamente, numa versão mais atual. Justamente o primeiro sucesso de Noel Rosa, cheio de expressões idiomáticas que lembram que o samba também é malandro. Este momento chama atenção para a história do samba e para a importância dessa palavra, uma das poucas do português a ter alcance mundial. Finalmente, a realização das entrevistas, seguidas de uma avaliação conjunta do desempenho da turma.

A atividade inicial pode ser discutida em duplas antes de chegar ao grande grupo. Depois das respostas, faça os alunos irem mais longe: este fenômeno acontece com outras palavras? Vamos listar alguns exemplos.

### **O primeiro sucesso de Noel**

Antes de reproduzir a canção, deixe as seguintes perguntas no quadro: Qual é o motivo da pergunta que tanto se repete ao longo da canção? Tem um verso em que o “eu” da canção se define. Que tipo de pessoa é?

### **Nossas canções, nossa língua**

Esta atividade pode render bastante. Deixe a canção tocando, enquanto os alunos procuram entender: O que estas expressões significam, no contexto da canção? Mesmo as que não conhecemos são compreensíveis? Temos hoje outras expressões equivalentes, que pudessem substituí-las?

**Sugestão!** Se houver tempo, coloque os alunos para falar com cinco pessoas na escola, perguntando quem conhece as expressões e o que elas significam. Na volta, eles dividem as informações. Algumas serão conhecidas por gente mais velha, outras por gente de qualquer idade, e por aí vai.

### **Googleando Noel Rosa e o samba**

Numa ida rápida ao laboratório de informática, peça aos alunos que busquem no site [www.google.com](http://www.google.com) “Noel Rosa” e “samba”. Em que lugares do mundo aparecem? Chame atenção para a noção de extensão nas páginas da internet: elas indicam os países. Explore o fato de que samba é assim em qualquer língua. Que coisas brasileiras invadem assim outras línguas? Ao longo da unidade, já reconhecemos várias palavras estrangeiras que “invadiram” o português. Mas o contrário também se dá?

### **O samba tem história...**

Estes depoimentos dão uma noção da trajetória nada fácil do samba até aqui. Noel foi importante na construção desta identidade, rapaz branco que subiu o morro e valorizou a cultura que tinha o respeito de poucos na época. Os depoimentos são de pessoas da área cultural, gente que percebeu na hora a riqueza daquilo que estava sendo produzido.

### **Nos dias de hoje: dá para comparar?**

Este assunto é muito delicado, professor! A discussão precisa ser conduzida de maneira responsável, mostrando diferenças profundas entre o samba e o *funk*. Não é por acaso que não encontramos hoje vozes sociais comparáveis à do poeta Manuel Bandeira na defesa do *funk*. O funk envolve questões como a cultura de importação e a exposição de uma faixa etária muito despreparada – em função da educação – a traços eróticos violentos. Enfim: é importante estar preparado para não deixar que se banalize a conversa. O exercício de deixar comentário no site da biblioteca nacional só deve ser incentivado se você achar que a turma participou com seriedade da discussão, estando madura para expor comentários não-anônimos numa página pública.

### **Publicação na Rádio Escolar**

Este momento dará muito sentido a tudo que foi trabalhado durante a unidade. É importante que a turma inteira participe escutando a entrevista, que pode ser realizada

em algum auditório da escola. Prepare-os para isso: ressalte que o silêncio, a educação e o respeito ao entrevistado e aos colegas são necessários para o sucesso da empreitada. Dependendo do funcionamento da rádio escolar e dos horários disponibilizados pelos entrevistados, a transmissão pode ser ao vivo ou gravada.

### **Resposta às entrevistas**

Uma produção, oral ou escrita, só está encerrada quando tem uma resposta. Na escola, o professor deve respeitar cada produção dos alunos, nunca deixando uma comunicação sem resposta. A turma inteira deve participar deste momento. Se for possível gravar as entrevistas, a atividade será ainda mais enriquecedora. Leiam juntos aquelas listas iniciais: o que pode melhorar e como pode melhorar. A ideia é fechar o trabalho da unidade com os alunos compartilhando impressões e avaliações daquilo que valeu a pena e do que foram capazes de melhorar.

### 3. Conversa com a teoria

Propor um trabalho a partir da obra de Noel Rosa exige o cuidado para não fazer aquilo que vem sendo um grande problema das aulas de português: a sensação de falta de sentido, principalmente pela distância entre os alunos e o conteúdo. Essa distância, acredito, pode ser vencida quando a aula de português está comprometida com o diálogo e com a pertinência de suas práticas.

Escolho a palavra diálogo porque ela nos lembra que linguagem é interação. É ela que garante a comunicação entre os homens, nos mais variados contextos, envolvendo os mais diferentes tipos de interlocutores. Assim como a língua nunca é um conteúdo acabado, resolvido, também os alunos estão num processo de formação ininterrupto. Nossa constituição se dá nas relações interativas com o outro, que neste caso pode ser o colega, o professor, a turma e os textos.

Estabelecer, portanto, a noção ampla de diálogo como central na sala de aula é abrir o ensino para o imprevisto e para um exercício constante de construção. Porque no diálogo negociamos sentidos, organizamos nossas ideias e buscamos a melhor forma de dizer aquilo que pretendemos comunicar. O diálogo também implica resposta: o ouvinte pode concordar ou não com o que foi dito e pode continuar a conversa complementando e adaptando informações.

Compreendida em sua concepção interacionista, a linguagem precisa ser considerada dentro de seu contexto. Cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis, o que Bakhtin (1992) chama de gêneros textuais. Os gêneros – orais e escritos – refletem as condições e finalidades específicas de cada interação. É um conceito amplo o suficiente para dar conta de qualquer interlocução atravessada pela linguagem verbal.

O trabalho a partir dos gêneros na escola pode contribuir para a ampliação do domínio de língua dos alunos, inserindo-os em práticas sociais diversas. É no uso refletido que podemos perceber as adequações necessárias em cada caso e, assim, nos tornarmos melhores falantes, ouvintes, leitores e escritores. Conforme Franchi (2006),

quando falamos de linguagem, é apenas em sua prática que podemos encontrar a liberdade criadora:

Não somente se pode falar de criatividade em inúmeras atividades sujeitas a certo tipo de regras e de princípios gerais como ainda em relação a manifestações compartilhadas e sociais. (Franchi, 2006: p.39)

A criatividade, aqui, está em encontrar novas respostas para novos problemas a cada situação de linguagem. É algo que fazemos cotidianamente, mas não em qualquer interação. Há aquelas, que pertencem à língua escrita e à oralidade letrada, com as quais precisamos desenvolver familiaridade.

Qualquer diálogo está inserido num contexto sociohistórico e envolve, no mínimo, dois interlocutores com alguma finalidade naquela comunicação. No contato dos alunos com os gêneros orais e escritos, penso que todos esses fatores merecem atenção. Para dar pertinência ao trabalho, tão importante quanto o momento em que foi produzido o texto é o momento em que ele está sendo lido.

Trabalhando ou não com autores e assuntos próximos da realidade dos alunos, é possível encontrar atividades que propiciem uma relação viva com o conteúdo: inserindo a leitura num projeto de ensino que convoque os alunos para a ação, dando a eles diversas oportunidades de se firmar como sujeito participante, encontrando finalidade para a leitura. Não quer dizer enxergá-la por um viés utilitário, mas propiciar a produção de respostas, tornando o diálogo efetivo e dando sentido à prática.

Num sentido amplo, poderíamos tomar como objetivo central da aula de português a produção de respostas, em suas mais diversas formas e para os mais diversos textos – a indignação com uma notícia, o encantamento diante de um poema, a organização da turma para melhorar uma situação da cidade, a confecção de cartazes que divulguem uma ideia que acharam interessante no texto que acabaram de ler, a escrita de uma crônica que dialogue com aquela do jornal.

Contribuir para a noção de autoria dos alunos gera bem-estar a partir da melhora na autoestima e constroi cidadãos com capacidade de se posicionar de forma crítica. Ambos os aspectos estão intimamente associados à construção de alguma forma de diálogo com o conteúdo, que pode, no momento seguinte, se tornar um repertório que permita a compreensão de novos conteúdos.



A importância do diálogo e da pertinência é ressaltada no caso da literatura. Trata-se de um uso especial da língua, com regras comunicativas próprias, em que o leitor precisa aceitar um rompimento com a realidade. Acredito que, quando apresentada de maneira pertinente, é a literatura que pode conquistar leitores pela vida afora, não apenas de livros, mas de objetos culturais. Porque a literatura oferece condições de ampliar nosso universo cultural e afetivo, ao nos identificarmos com outros homens e situações de tempos e lugares diversos.

A literatura, então, é um caminho possível para o autoconhecimento e para a formação de uma visão crítica e fundamentada da realidade, conforme Aguiar e Bordini (1988):

O ato de ler é, portanto, duplamente gratificante. No contato com o conhecido, fornece a facilidade da acomodação, a possibilidade de o sujeito encontrar-se no texto. Na experiência com o desconhecido, surge a descoberta de modos alternativos de ser e de viver. A tensão entre esses dois pólos patrocina a forma mais agradável e efetiva de leitura. ( p.26)

Se alguma vez fomos tocados pela forma como um texto literário representou a realidade e tivemos a experiência positiva da leitura, adquirimos a chave de acesso para novos textos e conteúdos a partir da literatura. E, possivelmente, teremos condições de buscar outras formas de diálogo com gêneros diversos que integram a expressão literária, tal como, no presente caso, a canção.

A escola, por ser o lugar em que a maioria dos brasileiros tem contato sistemático com a literatura, precisa criar caminhos para facilitar a relação dos alunos com os gêneros literários, propiciando uma experiência positiva que inclusive possa gerar fruição<sup>2</sup>. A relação dialogada com as diversas práticas de linguagem pode ter a fruição do texto literário como ponto de chegada. O entendimento que tem o aluno do que se comunica num texto é proporcional ao seu repertório cultural, e a reprodução das práticas forma uma relação cada vez mais qualificada com a obra.

Ao entendermos a importância dos gêneros literários na formação do indivíduo, levando em conta a capacidade de formação de repertório, formação de identidade

---

<sup>2</sup> Assumo, no presente trabalho, que a fruição das canções de Noel Rosa pelo aluno pode ser um resultado do trabalho com a unidade proposta. Contudo, não se trata de condição necessária para a construção de um diálogo pertinente.

pessoal e nacional, fruição pelo diálogo mais leve, a canção pode exercer uma função unificadora ao entrar na sala de aula. Sua função vai muito além do entretenimento. É, há mais de quarenta anos, um dos meios através dos quais o país se descobre e se renova.

Conforme ressaltado por Fischer,<sup>3</sup> no Brasil, a canção popular assume um papel formativo na cultura do país: simboliza questões da vida brasileira, forma o gosto e hábitos de consumo, realimenta sua própria existência e contribui para a vida de outras modalidades artísticas. Para o autor, pode-se dizer que a canção se afirma como substituto da tradição literária letrada, afirmação que permite considerá-la como principal difusora do lirismo no Brasil contemporâneo.

No entanto, a perspectiva literária vem tratando a canção popular como um subgênero da tradição poética, ignorando que pede ferramentas específicas e apropriadas para sua análise. Nesse sentido, a contribuição de Tatit (2002) é de grande importância, ao considerar a canção como uma forma artística única, assumindo como objeto o equilíbrio entre texto e melodia, que faz do encontro um só projeto de sentido. Esse é o grande recurso de um cancionista: o processo entoativo capaz de camuflar a fala nas tensões melódicas, dotando a canção de uma aura de naturalidade. A isso o autor denomina como o processo de encontrar uma dicção convincente, sendo que a composição de canções se dá de modo quase sempre intuitivo e são poucos os cancionistas que sabem escrever música ou que têm formação literária sofisticada.

Noel Rosa, o autor objeto deste trabalho, além de ter contribuído significativamente para a evolução formal do gênero, refinando-o e aprofundando-o, foi um ponto de partida na maior valorização do papel do compositor popular. Desde então, funciona como uma espécie de farol da canção que veio a ser feita, conforme resalta Tatit (2002) “ em sete anos de atividade, Noel resolveu a equação da canção popular brasileira e lançou um dos modelos mais fecundos para as futuras gerações de cancionistas” (p. 29).

E Noel Rosa é de certa forma uma síntese daquilo que significa a canção no país, tendo em vista que incorpora de maneira virtuosa as questões de dicção, entoação e naturalidade da fala. Sua obra, apesar da distância temporal, tem uma vivacidade que é capaz de inserir os alunos de maneira leve num contexto muito diverso do seu.

---

<sup>3</sup> Essas ideias são inspiradas nos apontamentos do professor Luís A. Fischer na apresentação do curso Canção Popular Brasileira, disciplina eletiva do Instituto de Letras da UFRGS.

Ao fazer canção, parafraseando o crítico literário Antonio Candido, Noel Rosa fazia também um pouco da nação. Marcada por refletir traços da identidade nacional, do Brasil de seu tempo, a obra do compositor dá acesso a uma espécie de panorama da história da canção popular no país

Hoje, quem gosta de Noel? Quais as possibilidades para um aluno de sétima, oitava série no diálogo com este conteúdo? No trabalho proposto, duas práticas foram consideradas para tentar responder a essas questões: a audição de canções e a realização de entrevistas radiofônicas.

A audição orientada das canções contribui para a formação de repertório e familiarização com o universo que será abordado nas entrevistas. Isso, além de formar melhores ouvintes de um gênero que atravessa sua experiência, qualifica a audição, abrindo a possibilidade de fruição de novas canções. Já a realização de entrevistas radiofônicas surge como uma resposta compatível ao encontro dos alunos com uma canção que não é de sua época e nem de seu consumo habitual. Além disso, permite que os alunos tenham contato com pessoas que já construíram um diálogo com a obra do compositor.

## Referências

AGUIAR, V. T. e BORDINI, Maria da G. *Literatura e a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ANTONIO, J. *Noel Rosa*. São Paulo: Abril Educação, 1982.

ANTUNES, I. *Aula de português – encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

ASCHER, N. Poema e letra de canção. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. E8, 19 mar. 2007.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental*. Língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CABRAL, S. Noel Rosa – 200 músicas em 26 anos, 4 meses e 23 dias de vida. In: *Cadernos de opinião n.2*.

CAMPANI-CASTILHOS, D.; DREY, R. *Gêneros de texto no dia-a-dia do Ensino Fundamental*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

CARVALHO, C. *Noel Rosa: língua e estilo*. Rio de Janeiro: Thex, 1999.

DINIZ, A.; LINS, J. *Noel Rosa*. São Paulo: Moderna, 2008. (Coleção Mestres da música no Brasil)

DOMENICO, G. *O jovem Noel Rosa*. São Paulo: Nova Alexandria, 2003. (Coleção Jovens sem fronteiras)

FISCHER, L. A. *Literatura brasileira: modos de usar*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

FRANCHI, C. Criatividade e Gramática. In: C. Franchi; E. Negrão; A. L. Müller. *Mas o que é mesmo “Gramática”?* São Paulo: Parábola, 2006.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GUEDES, P. *A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KLEIMAN, A. B. (org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, Mercado das Letras, 1995.

LUFT, C. *Língua e liberdade*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

RIO GRANDE DO SUL. Referenciais curriculares 2009.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, E. T.; ZILBERMAN, R. *Literatura e pedagogia – ponto & contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

TATIT, L. *O cancionista – composição de canções no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2002.

UNICAMP. Vestibular 2005.

VASCONCELLOS, E. *Noel Rosa para ler e ouvir*. São Paulo: Annablume/Barcarola, 2004.